

MORFOEVOLUÇÃO DO TECIDO URBANO ENVOLVENTE A CASAS RELIGIOSAS CARMELITAS EM TRÊS CONTINENTES: EUROPA (ÉVORA), ÁSIA (GOA), AMÉRICA (SALVADOR DA BAHIA)



<https://doi.org/10.22533/at.ed.678112526024>

Data de aceite: 25/02/2025

Maria do Céu Simões Tereno

Departamento de Arquitetura.
Universidade de Évora, Colégio dos
Leões, Estrada dos Leões, 7000-208
Évora, Portugal

Maria Filomena Mourato Monteiro

Arquiteta

Marízia Dias Pereira

Departamento de Planeamento, Ambiente
e Ordenamento, Escola de Ciências
e Tecnologia, Universidade de Évora,
Rua Romão Ramalho, 7000-671 Évora,
Portugal

RESUMO: A Ordem dos Carmelitas Descalços deve a sua fundação a Teresa Ahumada. Figura relevante da Contrarreforma desempenhou um papel fundamental, através das suas obras, na vida contemplativa e espiritual. Este movimento teve grande expansão na Península Ibérica e em territórios distantes através do ramo masculino, posteriormente criado. Neste trabalho, serão procurados pontos de convergência, de carácter arquitetónico e urbanístico, entre três casas religiosas desta Ordem, localizadas em diferentes

continentes e datas de fundação. O primeiro na Europa, em Portugal (Évora), o Convento de Nossa Senhora dos Remédios, na Ásia (Índia – Goa), o Convento de Nossa Senhora do Carmo, e no continente americano (Brasil – Salvador da Bahia), o de Santa Teresa de Convento de Jesus. Pretende-se analisar legados patrimoniais, situados em diferentes realidades geo-temporais, a influência que a sua arquitetura representou na construção inicial, o ambiente urbano e o legado atual.

MORPHOEVOOLUTION OF CARMELITE RELIGIOUS HOUSES AND THEIR URBAN SURROUNDINGS ON THREE CONTINENTS: EUROPE (ÉVORA), ASIA (GOA), AMERICA (SALVADOR DA BAHIA)

ABSTRACT: The Order of Barefoot Carmelites owes its foundation to Teresa Ahumada. A relevant figure of the Counter-Reformation played a key role, through her works, in the contemplative and spiritual life. This movement had great expansion in the Iberian Peninsula and in distant territories through the masculine branch, later created. In this work, points of convergence, of architectural and urban character, will be

sought between three religious houses of this Order, located on different continents and foundational dates. The first in Europe, in Portugal (Évora), the Nossa Senhora dos Remédios Convent, in Asia (India – Goa), the Nossa Senhora do Carmo Convent, and in the American continent (Brazil – Salvador da Bahia), the Santa Teresa de Jesus Convent. It is intended to analyse heritage legacies, situated in different geo-temporal realities, the influence that its architecture represented in the initial construction, the urban environment, and the current legacy.

INTRODUÇÃO

A Ordem dos Carmelitas Descalços (OCD) deve a sua fundação, a *Teresa Ali Fatim Corella Sanchez de Capeda y Ahumada* (1515-1582), em Ávila (Espanha), que adotou como religiosa o nome de Teresa de Jesus.

Em Portugal, a primeira casa masculina fundada, foi o Convento de São Filipe (1581), na Pampulha, em Lisboa, integrado na província da Baixa Andaluzia. Em 1612, constituiu-se a Província Portuguesa da Ordem dos Carmelitas Descalços, designada como S. Filipe do Reino de Portugal, resultante da desvinculação entre os conventos portugueses e os da Baixa Andaluzia.

O presente trabalho procurará encontrar pontos de convergência, de carácter urbano e arquitetónico, entre três casas religiosas da Ordem dos Carmelitas Descalços situadas em continentes e datas de fundação distintas. A primeira na Europa, o Convento de Nossa Senhora dos Remédios (1594) em Évora (Portugal), a segunda na Ásia, o Convento de Nossa Senhora do Carmo (1620) em Goa (Índia) e a última no continente americano, o Convento de Santa Teresa de Jesus (1665), em Salvador da Bahia (Brasil).

Aspeto relevante e enriquecedor nesta pesquisa foi a diversidade geográfica e cultural, que contribuiu com as suas marcas específicas. Pretende-se analisar legados patrimoniais, situados em distintas realidades geo-temporais, edificados em antigo território português e em Portugal continental, a arquitetura influenciada pelos princípios instituídos pela Ordem que foram tidos em consideração construção inicial, na envolvente urbana e o presente legado patrimonial.

Para esta análise serão utilizados documentos de carácter diversificado, nomeadamente cartografia, iconografia, fotografias antigas e elementos escritos.

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS (PORTUGAL, ÉVORA – 1594) BREVES NOTAS HISTÓRICAS



Fig. 1. S. a., Évora (Portugal), vista sul da cidade e pormenor legendado, s. d.. Fonte: gravura base coleção *Nabais Conde*.

Da amizade existente entre a madre Teresa de Jesus e o arcebispo de Évora, D. Teotónio de Bragança, resultou a autorização desta, através de um documento escrito datado de 16-1-1579, a criação de uma casa religiosa em Évora, de acordo com os novos ideais da reforma em curso [Fig. 1]¹.

À data existiam nesta cidade, para além de outras tipologias de casas religiosas, vários conventos e mosteiros de diferentes Ordens nomeadamente os conventos de S. Francisco, S. Domingos, S. João Evangelista, Nossa Senhora da Graça, Mercês², S. Tomé³, Nossa Senhora do Espinheiro⁴, St.º António da Piedade⁵ e os mosteiros de Santa Mónica, Santa Clara, Santa Catarina de Sena, Nossa Senhora do Paraíso, Santa Helena do Monte Calvário e S. Bento de Cástris⁶. Em muitas delas, o poder e riqueza eram notórios e resultantes, quer de laços familiares com a nobreza, que eram mantidos, depois do ingresso nas casas religiosas, mas também reforçados através de doações às Ordens religiosas, o que se materializava no esplendor em muitas dessas casas, em épocas determinadas⁷.

1 Em 1562 é criada, em Ávila, a primeira casa religiosa feminina e seis anos após, em Duruelo, a primeira casa religiosa masculina. É, contudo, somente em 22 junho 1580, em data posterior à da já referida carta de Madre Teresa dirigida ao arcebispo de Évora, que o papa Gregório XIII declara autónoma a Ordem dos Carmelitas Descalços desvinculando-a dos Carmelitas Observantes.

2 Refira-se que os padres das Mercês viviam em casas de Bartolomeu da Sé localizadas na rua Fria, tendo-se somente instalado em 1640, em construção própria situada na rua do Raimundo.

3 No exterior do recinto amuralhado, a 161 metros da muralha medieval e junto à arcaria do aqueduto da Água da Prata. Sendo que o convento foi incendiado em 1663, quando do assalto do exército espanhol à cidade, passando os frades para os antigos paços dos duques de Bragança, situado às portas de Moura.

4 A este da cidade e dela distanciado 4 km.

5 A noroeste da cidade e a 336 metros da muralha medieval.

6 A norte da cidade, o mosteiro dista dela cerca de 1,5 km.

7 Algumas das casas religiosas femininas fundadas desempenharam papel de acolhimento temporário a membros de famílias nobres. Refira-se como exemplos, de entre outros, os mosteiros de Santa Clara e de Santa Helena do Monte do Calvário.

Relativamente ao poder eclesiástico em Évora (ALMEIDA, 1910: 120-131)⁸, estava representado na cidade pela Sé Episcopal, seguido das igrejas paroquiais de S. Tiago e S. Pedro, situadas no núcleo amuralhado romano-godo, S. Mamede e Stº António exteriores à referida muralha, embora à data da nova fundação carmelita já se encontravam defendidas pelo “muro” medieval e outras fortificações edificadas. A cidade possuía uma população residente no interior do perímetro amuralhado, dependente dos campos de cultivo, maioritariamente cerealíferos, que a rodeavam (MONTEIRO, 2011: 45)⁹.

O primeiro grupo de frades enviados, no âmbito da reforma iniciada por Madre Teresa, para fundarem uma casa religiosa, regressaram sem sucesso, aos seus conventos de origem. A grandiosidade da construção pensada pelo arcebispo D. Teotónio de Bragança, patrono da nova casa religiosa, contrariava o espírito de pobreza inerente à reforma em curso fazendo-os desistir da sua fixação na cidade¹⁰. Alguma resistência devida ao número elevado de casas religiosas, disseminadas por toda a cidade, foi seguramente um fator que influenciou tal decisão¹¹.

Em 1582¹², por insistência de D. Teotónio, são novamente enviados para Évora um pequeno grupo de religiosos (frei Gaspar dos Reis, frei Eliseu de S. Ângelo, frei Diogo da Santíssima Trindade e frei António do Sacramento) para tentarem novamente constituir uma casa religiosa. Após a instalação provisória (9-11-1594), são cedidos aos frades umas casas e a ermida de Nossa Senhora dos Remédios¹³, então existente ao fundo da rua do Raimundo, ficando uma pensão de dizerem sete missas cada ano. Nas crónicas dos carmelitas refere-se o seguinte (S. ANNA, 1657: 338)¹⁴: (...) 397. (...) *deu-lhes também para principiarem o Convento humas casas à porta do Reymondo, e huma Hermida visinha a ellas, de Nossa Senhora dos Remedios, imagem de muita devoção, e mui venerada, assim da gente da cidade como seu termo, polos muitos e contínuos milagres que fazia. Entendendo que servia com isto à Senhora: porque em mãos de tão devotos filhos seus estaria a Igreja com a decência que convinha, e a gente também se despertaria a favorecer os Religiosos empregados no serviço de Casa que tanto estimavam (...)*.

8 Possivelmente entre 300 e 304, já Évora era representada pelo seu bispo Quiciano, quando do Concílio da Igreja da Península Ibérica, realizado em Elvira, tendo nesta reunião participado um total de dezanove bispos ibéricos. Cf. ALMEIDA, Fortunato de - *História da Igreja em Portugal*, vol. I, pp. 120-131. Imprensa Académica. Coimbra 1910.

9 Pelo numerário de 1527 a cidade era a primeira do Alentejo, com 3600 vizinhos. Nas *Memórias Paroquiais*, datadas de 1758, é referido que (...) *no auge da sua grandeza contou com catorze mil vizinhos, contudo com a ausência da corte passou a pouco mais de quatro mil com onze até treze mil pessoas (...)*. No ano de 1911 já eram 17907 habitantes. Cf. MONTEIRO, Maria F. - *Sistema monástico-conventual e desenvolvimento urbano de Évora na Baixa Idade Média*. Évora (policopiado), 2011.

10 Madre Teresa, no *O Camino de Perfección*, dá recomendações acerca das construções, que deveriam ser pequenas e pobres e com ermidas para oração na cerca conventual.

11 A orientação papal de distanciamento mínimo entre eles, de 500 m já não se aplicava em Évora considerando a existência de grande número de casas religiosas, de diferentes Ordens religiosas, na cidade.

12 Refira-se que o D. Filipe I (D. Filipe II de Espanha) assumiu o trono português no ano anterior facilitando uma mais fácil articulação entre os dois reinos.

13 Como usual nas Ordens religiosas, os frades ficaram provisoriamente alojados perto de ermida, já de grande devoção por parte da população circunvizinha.

14 Frei Belchior de S. Anna - *Chronicas de Carmelitas Descalços do Reyno de Portugal e provincia de Sam Felipr*. I Tomo, livro segundo, cap. XIX. Lisboa: 1657.

Quanto à antiguidade do local de devoção onde os frades se instalaram é referido que: (...) 397. *Quem trouxe alli a santa imagem, quem edificou a Hermida, ou em que tempo, tudo esta sepultado em esquecimento, de sorte que não achei memória de nada, só consta que nela morava pelos anos de 1560, hum Hermitão velho, por nome Frei Aleixo, que no habito de S. Francisco fazia uma vida de muita virtude, oração e grande exemplo* (...) (S. ANNA, 1657: 340)¹⁵. Posteriormente, por se ter tornado exíguo o espaço, é adquirido em 1601, numa primeira fase, terreno em horta e ferragial, situado no exterior das Portas de Alconchel. Deu-se assim início à edificação do convento no novo local, situado no exterior do perímetro amuralhado da cidade e a escassos 53 metros da referida porta e a 317 metros do local primitivo da ermida¹⁶. Esta mudança de local ficou envolta em grande polémica devido à oposição demonstrada pela população residente na área envolvente. Esta não aceitou que os frades quisessem levar para a igreja do novo convento, fora das portas da cidade, a imagem milagreira que existia desde tempos remotos na ermida¹⁷. Contudo, passados doze anos após a instalação provisória na rua do Raimundo, os frades efetuaram a mudança definitiva para o novo local (25-11-1606).

Teresa de Jesus morreu aos sessenta e sete anos e após trinta e dois anos, foi beatificada pelo papa Paulo V, sendo canonizada oito anos depois pelo papa Gregório XV. A sacralização da igreja conventual de Évora ocorreu no ano da canonização de madre Teresa, tendo este templo, no eixo do intradorso da abóbada que cobre a nave central, o símbolo da Ordem, com a inscrição de 1614. Três anos após a abertura do templo à população eborense, e devido à relação privilegiada entre os Carmelitas Descalços e D. Teotónio, foi (S. ANNA, 1657: 448)¹⁸: (...) *doada relíquia de carne de Santa Teresa* (...) ao convento masculino de Évora.

Esta casa religiosa permaneceu na posse da Ordem dos Carmelitas Descalços durante 228 anos, sempre ativa, e desempenhando um papel de relevo em períodos

15 Frei Belchior de S. Anna - *Chronicas de Carmelitas Descalços do Reyno de Portugal e provincia de Sam Felipr.* I Tomo, livro segundo. Lisboa: 1657.

16 É referido que foi procurado espaço para fazer nele: (...) *a obra que convinha, e ter cerca, em que se plantasse a hortalça para o sustento dos religiosos, e em que eles, pelas sextas pudessem aliviar-se, com a vida do campo, que causa à natureza o encerramento da cela: tratou o P. prior fr. Joseph de São João de buscar outro. E ponderadas as qualidades de alguns, se veio a afeição de huma horta, e ferragial, de que era senhorio direto dona Violante de Noronha, e que ficava de fora da porta de Alconchel, vizinhos a ela. Propoz à comunidade a compra daquele sitio, e por voto de todos assentou o capitulo, que se comprasse a doze de abril de 1601* (...) in Frei Belchior de S. Anna - *Chronicas de Carmelitas Descalços do Reyno de Portugal e provincia de Sam Felipr.* I Tomo, livro segundo, cap. XLV, pp. 445-446. Lisboa 1657.

17 Em vinte de abril de 1607 foi emitido despacho pelo bispo de Nicomedia no qual se diz que ficando provado que os carmelitas descalços eram senhores legítimos da ermida, podiam dispor dela como julgassem ser conveniente ao bem da comunidade. Assim o padre prior, por conselho de homens prudentes (...) *a mandou arrazar, assim por não ficar indecente, ficando as paredes em pé, como por tirar de todo a ocasião aos que pretendiam reformala em dano do mosteiro. Para este ter igreja tão capaz, como era necessário para agasalhar a muita gente que nas festas concorria* (...) in *Chronica de Carmelitas Descalços...*, vol I, livro segundo, capítulo XLV, 532, p. 447, Lisboa 1657. Quanto às paredes da ermida, que foram deixadas de pé, deram origem à ermida de N.ª S.ª das Brotas cuja construção ainda persiste. No final do século XX, a pequena edificação, já desativada como local de culto, e adaptada a habitação, sofreu obras por parte dos proprietários. Para a sua ampliação o pé direito foi subdividido, tendo sido construída laje em betão para passar a existir outro piso na habitação. Quanto aos painéis de azulejos figurativos que revestiam interiormente as paredes eles foram preservados.

18 De acordo com as crônicas (...) *a seis de março de mil seiscentos e dezassete, acabando nosso Padre Geral frey Joseph de Jesus Maria de visitar este convento, lhe deu a relíquia da carne de nossa Madre S. Tereza, que nelle se venera hoje* (...), in *Chronica de Carmelitas Descalços...*, vol I (1657), livro segundo, capítulo XLV, 533, p. 448.

históricos da cidade, quer a nível da assistência da população, quer na sua defesa. Em 1834, com a extinção das Ordens religiosas no território português, foi expropriado pelo Estado todo o conjunto, e consequentemente desalojados, de imediato, os frades e noviços. Foi então cedido à Câmara Municipal de Évora para instalação do cemitério público da cidade e dos respetivos serviços de apoio. Mais de setenta anos depois, com a edificação de outro cemitério municipal¹⁹, que complementou o primitivo, que estava esgotado quer a nível de espaços quer a nível de saturação orgânica dos solos. Parte da antiga edificação do convento, foi remodelada e instalados equipamentos culturais que têm dinamizado o espaço. Esta utilização permitiu o conhecimento mais generalizado pela população de, por exemplo, a magnífica igreja, sacristia e peças artísticas que fazem parte do espólio legado pela Ordem dos Carmelitas Descalços²⁰.

CRONO-MORFOLOGIA CARTOGRÁFICA E ICONOGRÁFICA DA IMPLANTAÇÃO DO CONVENTO

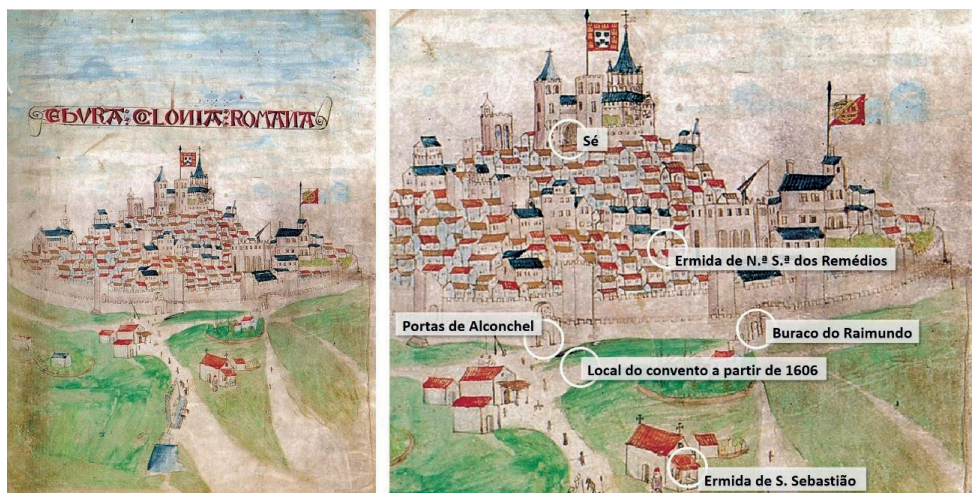


Fig. 2. S. a., iluminura existente na contracapa do foral da cidade de Évora datado de 1501 e extrato legendado, Évora (Portugal). Vista oeste da cidade. Fonte: iluminura base Câmara Municipal de Évora.

O primitivo local onde foi facultado o abrigo para os frades se instalarem, situava-se na rua de Raimundo, a escassos 68 metros do local onde posteriormente, em 1640, se viriam a fixar os frades de Nossa Senhora das Mercês²¹. Tal espaço era igualmente próximo

19 O cemitério do Espinheiro, projetado pelo arq.º José Quitério, do Gabinete de Projetos da Câmara Municipal de Évora, foi edificado em finais do século XX, na cerca do antigo convento de Nossa Senhora do Espinheiro, tendo incluindo no seu espaço a primitiva ermida situada no terreno, recuperada quando da obra realizada pelo município.

20 Refira-se que, para além das peças que permaneceram no convento existem outras, em depósito, no palácio de Vila Viçosa, na Universidade de Évora, no Museu de Évora, no Arquivo Distrital de Évora, na Biblioteca de Évora e na Torre do Tombo. Outras, seguramente, ficaram dispersas por casas particulares, vendidas ou levadas, quando do desalojamento dos frades, ou da morte da última monja da casa, resultante da extinção das Ordens religiosas em território português.

21 A proximidade ao convento de S. Francisco, este já existente desde o século XII, também era grande considerando

do buraco do Raimundo, a cerca de 100 metros, onde terminava o arruamento. Sendo uma entrada secundária da cidade, maioritariamente utilizada por residentes, teria um número reduzido de viajantes que por aí circulavam. A mais-valia do local seria o da ermida e a grande devoção popular à imagem nela venerada [Figs. 2 e 3].



Fig. 3. S.a., *Planta da cidade de Évora.* e extratos legendados. 1750-1790? datação segundo marca de água de D. & C. Blauw. Fonte: base Biblioteca Nacional de Portugal.

Em planta de 1884 [Fig. 4], a ermida ainda é representada, provando a sua importância para a população da área envolvente, apesar da imagem religiosa primitiva, considerada milagreira, ter sido há largos anos transferida para o convento de Nossa Senhora dos Remédios. O período limitado que permaneceram na rua de Raimundo, não influenciou o espaço urbano circundante, no que se refere à criação ou densificação da malha urbana.

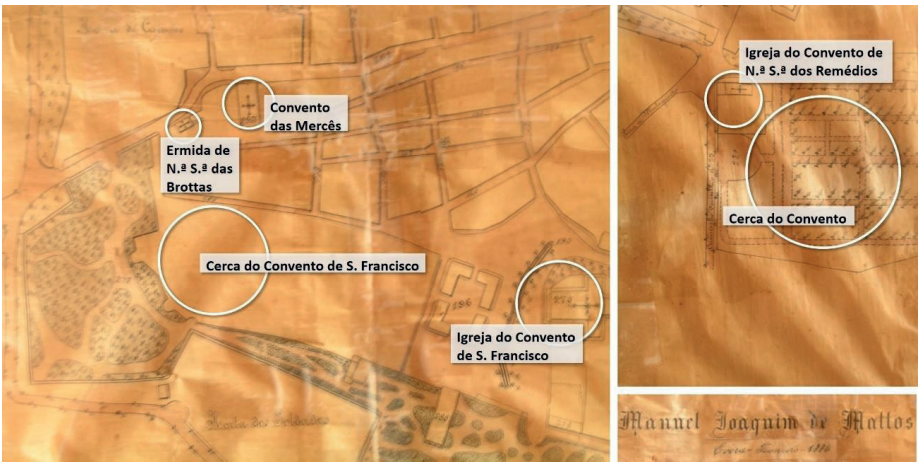


Fig. 4. Manuel Joaquim de Mattos. 1884. Évora (Portugal). Extratos legendados de planta da cidade. Fonte: planta base Misericórdia de Évora.

a ampla cerca, que se alongava até cerca de 50 metros do local provisório cedido aos frades.

A representação gráfica do local para onde os frades se mudariam, ficou ilustrado na iluminura que consta na contracapa do segundo foral da cidade, que seria um espaço rico em água²². A localização nas imediações das olarias municipais confirma a riqueza hídrica e o seu contributo em material cerâmico²³ para a construção do conjunto conventual.

Quando o convento foi construído, a cidade estava já cercada pela muralha fernandina, e teria em seu redor hortas, que abasteciam o mercado da praça Grande com diversificados produtos hortícolas e frutas, e ferragiais essenciais para a alimentação do gado²⁴. A mais antiga representação, com rigor, que se conhece do convento, tanto da parte edificada, como da cerca, consta em planta, do projeto para edificação de baluarte e onde, o existente e o proposto, para o conjunto conventual de N.^a S.^a dos Remédios, estão assinalados a ponteadado.

Tendo sido a igreja aberta à comunidade eborense no ano de 1614²⁵ e, sabendo-se que em 1663 a cidade chegou a ser tomada pelos espanhóis, podemos antever que, devido aos ataques bélicos e à necessidade de edificação de novos sistemas defensivos, o espaço exterior ao recinto amuralhado nunca poderia apresentar grande desenvolvimento urbano.

No extrato da referida planta, é notória a preocupação da edificação de sistemas defensivos na época, de modo a salvaguardar a segurança dos conventos de N.^a S.^a dos Remédios, de S. Tomé²⁶ e de S. António, assim como o troço do aqueduto da Água da Prata compreendido entre a muralha e o convento de S.^o António [Fig. 5].

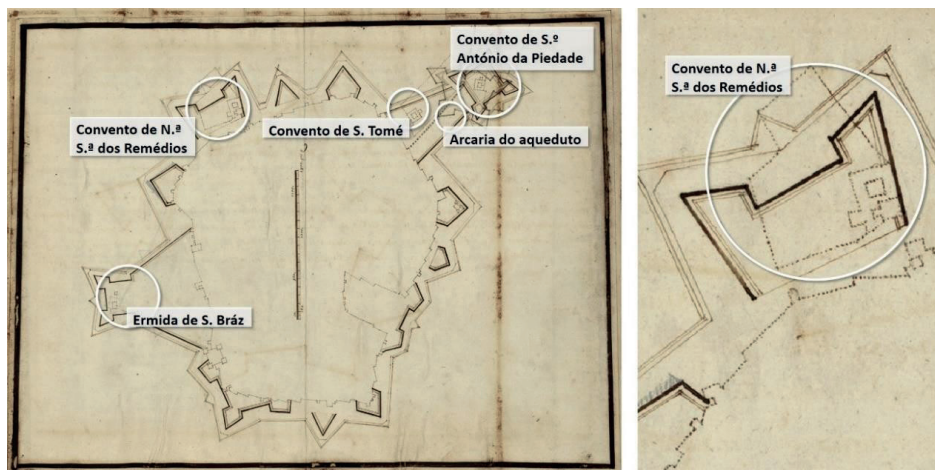


Fig. 5. Nicolau de Langres, planta legendada do sistema fortificado de Évora assinalando as edificações situadas exteriores à muralha medieval e integradas nos novos baluartes, e respetivo extrato, séc. XVII. Fonte: planta base Arquivo Histórico Militar.

22 A vegetação é colorida com uma tonalidade de verde, mais densa e escura, sendo também na área envolvente, representado uma picota.

23 O tijolo maciço, mais conhecido pela designação de “tijolo de burro”.

24 É referido que, logo de início, foi adquirida horta e ferragial tendo sido posteriormente, em 1601, comprados mais terrenos cultivados em horta. Cf. *Chronica de Carmelitas Descalços* ..., vol. I (1657), livro primeiro, capítulo XLV, p. 445.

25 A referida data de sacralização, encontra-se inscrita no intradorso da abobada que cobre a nave central deste templo.

26 O convento de S. Tomé foi desativado deste local, após ataque bélico tendo passado para as portas de Moura com o orago de N.^a S.^a do Carmo.

Nas várias plantas aguareladas e iconografias que se conhecem, representando o lado poente da urbe²⁷, os espaços exteriores às fortificações encontram-se isentas de edificações, embora com representações que pressupõem a existência de terrenos parcelados, possivelmente para pastoreio ou hortas [Figs. 6 e 7].

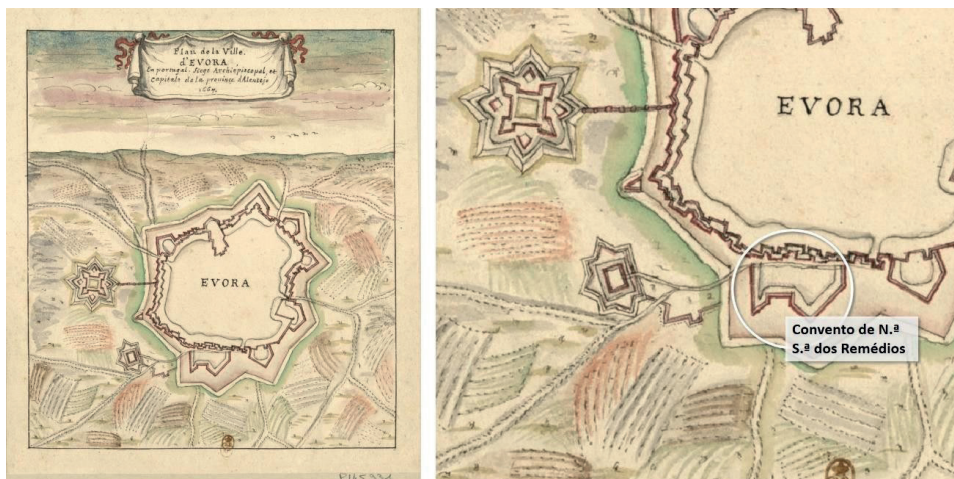


Fig. 6. Louis Boudan?, *Plan de la ville d'Évora en Portugal. Siege Archiépiscopal et capitale de la province d'Alentejo*, 1667. Fonte: planta base Biblioteca Nacional de França, <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b69036604.item#>

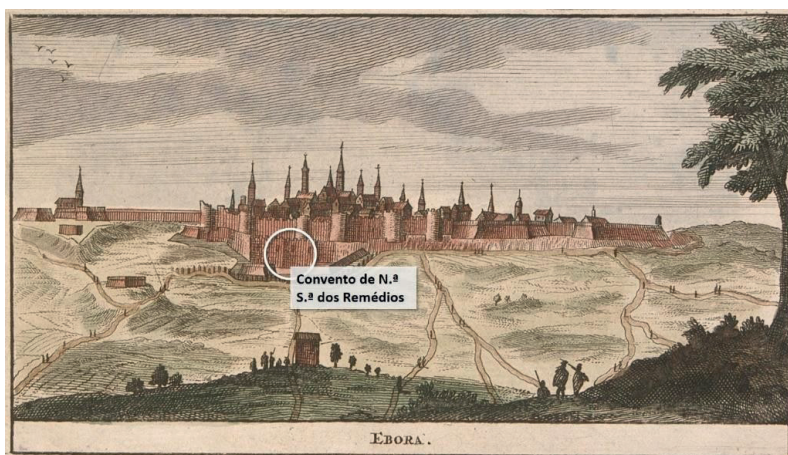


Fig. 7. Van der Aa., vista oeste da cidade de Évora, publicada em Leiden a 1715. Fonte: gravura base Coleção *Nabais Conde*.

Já na segunda metade do século XVIII, é representado com grande rigor o que restava do sistema defensivo da cidade assim como da área envolvente. No espaço circundante ao convento dos Carmelitas Descalços, com o muro da cerca parcialmente destruído, constata-se, a norte, a existência de fornos de tijolos das antigas olarias municipais e,

²⁷ Zona onde o convento de N.ª S.ª dos Remédios foi edificado.

situado no exterior, um reduto de tijolo que as defenderia de ataques inimigos²⁸. A sul do convento é representado uma parcela de terreno com uma edificação de grande dimensão, que ainda existe, integrada numa quinta com acesso pela antiga estrada para Beja. A oeste vê-se a ermida de S. Sebastião e, um pouco distanciada, a fonte das Bravas, já representadas na iconografia do foral manuelino. Pequenas edificações pontuam alguns dos terrenos, estes limitados por fiada de árvores de um possível cadastro rústico. Situado a este do convento, existiria um caminho publico estreito, entre o muro da cerca e a muralha medieval. No enfiamento do limite do adro da igreja dos Carmelitas, situam-se as portas de Alconchel e respetivas torres, uma das quais na altura servia provisoriamente de prisão²⁹. No interior da muralha, entre as portas de Alconchel e o buraco do Raimundo, o espaço da “Palmeira” anteriormente pertencente à judiaria, continuava livre, não obstante esta tivesse sido desativada há mais de dois séculos. Este espaço, embora de raízes judaica, persistiu como espaço livre integrando as duas edificações representadas nos seus extremos³⁰. A nível de missão os frades estariam limitados aos viajantes que, vindo pela estrada de Lisboa, passariam à frente do adro da igreja conventual. A sua ação social desenvolveu-se, num âmbito mais intenso, nomeadamente no apoio aos mais carenciados e na prestação de serviços de saúde³¹.

A localização do conjunto foi desde o início, problemática sendo o local propício de circulação de bens e pessoas, muito exposto aos ataques bélicos e um ponto frágil para a defesa da cidade. O convento foi representado em cartografia defensiva militar de 1808, através do alçado principal, porque em conjunto com o aqueduto da Água da Prata eram os dois principais problemas para a defesa da cidade [Fig. 8].

28 Deverão ter sido aí moldados e cozidos, muitos dos telhões que revestiam o canal adutor do aqueduto da Água da Prata assim como os do pequeno aqueduto que, a partir de nora existente nas proximidades, passou a abastecer o convento de N.ª S.ª dos Remédios. Pier Baldi, em janeiro de 1669, representa o lado norte da cidade estando, à data, um troço significativo da arcaria do aqueduto da Água da Prata demolido devido ao assalto do exército espanhol à cidade, em 1663.

29 A prisão da cidade, situada anexa ao edifício antigo da câmara e localizado no topo nascente da praça Grande (atual praça de Giraldo), estaria em obras.

30 Atualmente a casa senhorial situada às portas de Alconchel foi adaptada a tribunal, mantendo, contudo, ainda um jardim antigo de realce. Quanto à outra construção, situada a escassos metros do buraco do Raimundo, de origem antiqüíssima considerando as características do material pétreo que constituem alguns troços das suas paredes, funciona atualmente como unidade hoteleira. Aí, também o espaço ajardinado, complementado por laranjal e nora, constitui área de interesse. No restante espaço livre, foi edificado um conjunto de hotelaria e mantido, ao longo do referido troço de muralha, jardim publico.

31 A existência de botica e hospedaria prestando serviços ao exterior, é prova dessa boa articulação com a população essencial em períodos mais difíceis, como por exemplo nos surtos de peste.

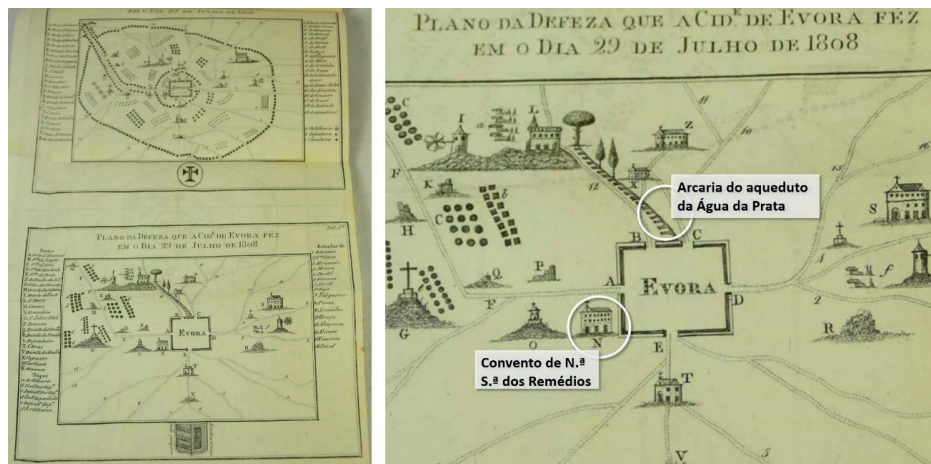


Fig. 8. S. a., *PLANO DE DEFEZA QUE A CIDADE DE EVORA FEZ EM O DIA 29 DE JULHO DE 1808*, plantas da cidade e extrato legendado, 1808, Évora. Fonte: planta base Biblioteca Nacional de Espanha.

Em cartografia datada de 1884, com o levantamento dos arruamentos e áreas publicas da cidade, o espaço do antigo convento, embora representado esquematicamente, permite identificar o limite da cerca, à data já com o respetivo muro reerguido, assim como um pequeno aglomerado de habitações situado no espaço em frente ao convento, que na altura era o caminho para a Malagueira e que se abria num espaço amplo, fronteiro à igreja do convento dos Remédios [Fig. 9].



Fig. 9. Manuel Joaquim de Mattos, extrato de planta de Évora representando o Convento dos Remédios, e os principais eixos na área envolvente, 1884, Évora. Fonte: planta base Misericórdia de Évora.

Em 1945, com o primeiro levantamento topográfico da cidade, constata-se que tais construções aumentaram em número não deixando, contudo, de ser poucas e de

dimensões reduzidas³². O arquiteto urbanista Etienne d'Gröer, na sua proposta para Évora, na planta legendada como *Plano de Urbanização. Ante-projecto* datada de 1945, preconizava a constituição de lotes destinados a habitações unifamiliares, desvalorizando a tipologia construtiva à data, existente na área envolvente ao antigo convento [Fig. 10].



Fig. 10. Etienne d'Gröer, extratos de plantas do antepiano de urbanização legendadas: proposta de estrutura viária com zonas de equipamento e de áreas verdes, levantamento topográfico, proposta urbanística, 1945, Évora. Fonte: plantas base Câmara Municipal de Évora.

Da última década do século XX, na planta da área urbana da cidade, observa-se que as construções que circundam o antigo convento são pouco significativas a nível de mancha urbana. O autor assinalou a vermelho-escuro, as construções existentes, com vermelho-vivo todas aquelas que estavam em vias de serem construídas, quer estivessem em fase obra, com projeto aprovado, fosse projeto de construção ou de loteamento [Fig. 11].



Fig. 11. José Quitério, planta da área urbana proposta para a cidade de Évora no ano de 2000, e extrato legendado, finais séc. XX, Évora. Fonte: planta base Câmara Municipal de Évora.

Atualmente, na área envolvente ao antigo convento carmelita localiza-se, a norte, a igreja católica dos Salesianos e respetivo adro materializado num amplo espaço verde³³, a igreja evangélica (Igreja Universal do Reino de Deus) e uma unidade hoteleira recente. Na continuação deste plano de fachadas, seguem-se as habitações, maioritariamente de um único piso e em banda. A via que separa estes conjuntos edificados do antigo convento, o

³² Algumas delas ainda existentes com o traçado primitivo. Contudo outras houve, que durante a última década, foram ampliadas para 2º piso, ou mesmo demolidas.

³³ Da autoria do arquiteto Siza Vieira.

antigo caminho para Lisboa, secundarizou-se com a reformulação viária recente a qual foi desviada para sul.

A ponte localiza-se o terminal rodoviário da cidade seguindo-se a mata de S. Sebastião e a respetiva ermida que remonta ao período medieval³⁴. A este, o espaço sobran- te, entre o muro da antiga cerca e a muralha, é utilizado como via de circulação e espaço verde para circulação pedonal, [Fig. 12].



Fig. 12. Convento dos Remédios em Évora e área envolvente, 2006, 2020, Évora. Fonte: base Google Earth. (16-3-2023).

No atual Plano de Urbanização, constata-se que o espaço do convento e a área a oeste, está definido para equipamento e as áreas situadas a norte e sul para atividades do setor terciário. Quanto à mancha verde proposta, já concretizada, integra o adro da igreja dos Salesianos, o espaço entre a via circular às muralhas e a muralha [Figs. 13 e 14].

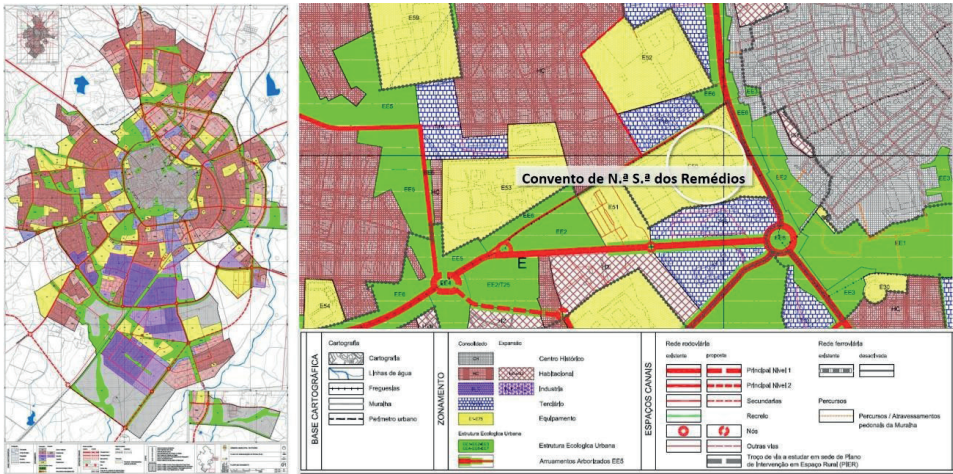


Fig. 13. Planta de zonamento e extrato do Plano de Urbanização de Évora, 2021, Évora. Fonte: planta base Câmara Municipal de Évora.

³⁴ Este templo, pertença da Câmara Municipal de Évora, estando atualmente atribuído, através de protocolo, à Igreja Ortodoxa.

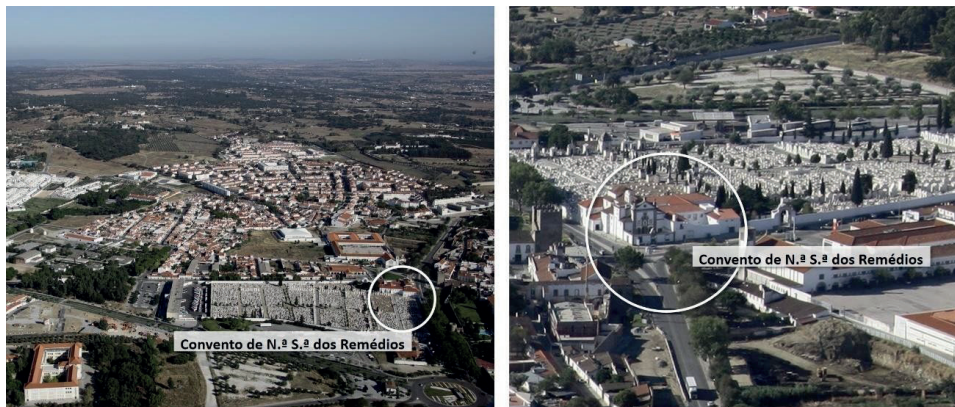


Fig. 14. Extratos de vistas aéreas, norte e sul, do convento dos Remédios situado em Évora legendadas, 1997, Évora. Fonte: planta base Câmara Municipal de Évora.

BREVES NOTAS SOBRE A ARQUITETURA DO CONVENTO E INTERVENÇÕES OCORRIDAS

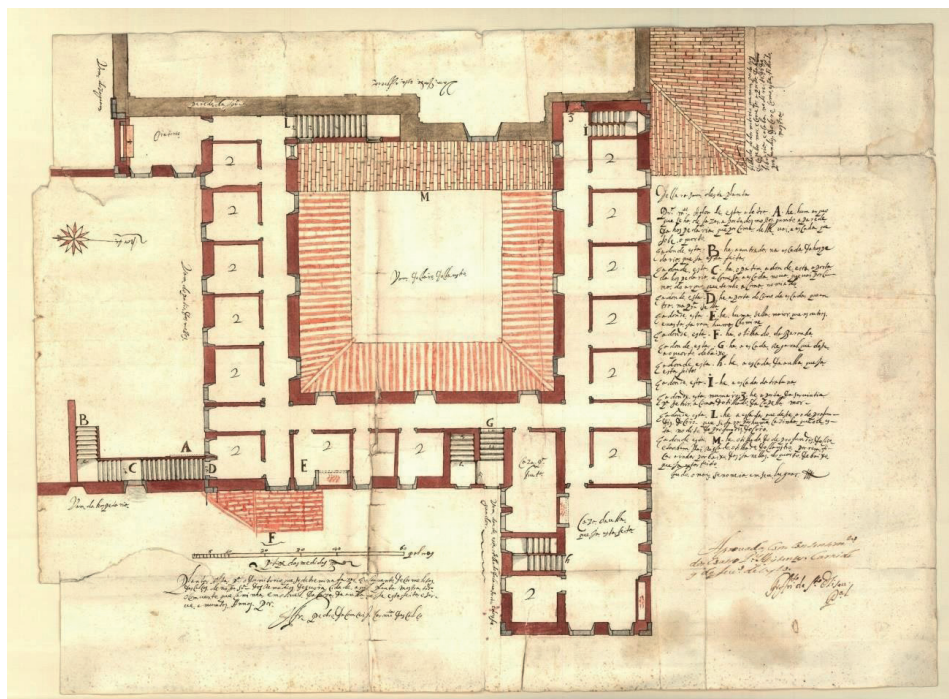


Fig. 15. S. a., planta do Convento dos Remédios, 1719, Évora. Fonte: Câmara Municipal de Évora.

O primeiro documento desenhado que se conhece, representa a planta do convento referente a proposta de obras de ampliação do andar superior datada de 1719, [Fig. 15].

O conjunto edificado assumiu uma configuração quadrangular circundado a norte e nascente por um espaço público. A orientação da igreja cumpriu a disposição nascente-poente, situando a nascente um adro vedado por um muro alto, onde estão inseridos os dois portões gradeados, um a nascente e outro a norte, ligando o adro ao espaço público. A sul e a poente desenvolve-se a antiga cerca conventual, atualmente ocupada pelo cemitério dos Remédios. A sul da igreja, de nave única e transepto, situa-se um claustro quadrangular com cisterna encimada por uma fonte em mármore. Circundando três das alas do claustro, respetivamente a nascente, poente e sul, distribuem-se as diversas áreas inerentes ao antigo funcionamento de uma casa conventual. O posicionamento do claustro, a sul da igreja, permitia um bom aproveitamento solar. Contudo o desenvolvimento da construção, expôs as áreas habitadas, aos ataques vindos do exterior tornando o conjunto, num reduto excecional para o ataque à cidade, [Fig. 16].

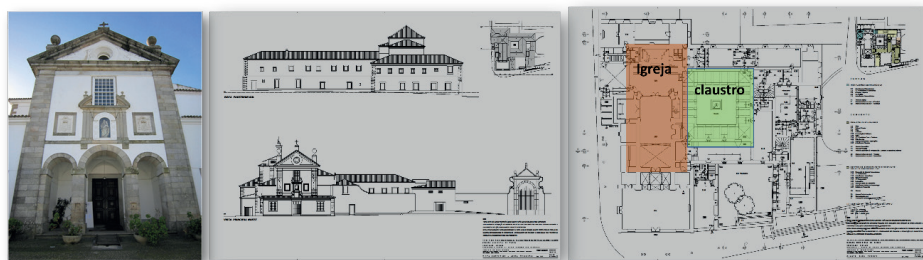


Fig. 16. Autoras. Alçados do Convento dos Remédios e planta do piso térreo, séc. XXI, Évora. Fonte: foto coautoras e base de projeto Câmara Municipal de Évora.

Após as obras realizadas ao longo do último quartel do século XX do antigo convento perduram, a igreja, o claustro, a sacristia, o pátio dos “moços”, a capela funerária de um dos benfeitores (antiga capela da relíquia de St^a Teresa de Ávila) e o adro. Os restantes espaços, interiores e exteriores, foram alvo de remodelação profunda de modo a dar resposta a programa base elaborado pela Câmara Municipal de Évora (CME)³⁵, [Fig. 17].

As atividades culturais passaram a ser regularmente realizadas, quer por iniciativa da CME, quer do Conservatório Regional de Música, (EBORAE MUSICA).

³⁵ O projeto de remodelação foi da autoria do arq. Victor Figueiredo. De referir a última intervenção, realizada já em final de 2022, data em que foi efetuado o expurgo da igreja e sacristia nomeadamente dos retábulos e peças religiosas. Tal trabalho deveu-se à iniciativa da técnica de restauro Débora Fortunato que propôs junto da CME esta obra, considerando o estado de contaminação de xilófagos verificada nas madeiras de todo o conjunto.



Fig. 17. A. Severo Coautoras, aspetos da igreja do convento dos Remédios e do claustro, séc. XXI, Évora. Fonte: fotos A. Severo e coautoras.

CONVENTO DE NOSSA SENHORA DO CARMO (ÍNDIA, GOA – 1620)

A presença portuguesa no continente indiano, [Fig. 18], teve início em fevereiro de 1510, quando Afonso de Albuquerque, com 20 navios e 1200 homens, entrou na barra do rio Mandovi e tomou a cidade de Goa³⁶, situada a cerca de 10 km para montante.



Fig.18. João Teixeira Albernaz, *Localização de Goa*, [Carte de l'Océan Indien], (16..-16..). Com base na Planta de Localização de Goa. Fonte: Biblioteca Nacional França, <https://tinyurl.com/5bjuk5w9>

As ordens religiosas estabeleceram-se em Goa no século XVI, nomeadamente através de missionários jesuítas e franciscanos, como centro para a disseminação do catolicismo na Índia. Os colonos foram inicialmente tolerantes às religiões pré-existentes como o hinduísmo e outras religiões.

A cidade de Goa, era um local que fervilhava de vida [Fig. 19], confirmada pela descrição de D. João de Castro³⁷(KOPKE, 1834: 10), que a desenhou no Roteiro de Goa a

³⁶ A 25 de Novembro de 1510, Afonso de Albuquerque conquistou Goa.

³⁷ Publicado por: Diogo Kopke, *Primeiro roteiro da costa da Índia desde Goa até Dio: narrando a viagem que fez o Vice-*

Diu, a viagem que realizou em 1538, e de que se transcreve: (...) *DESCRIÇÃO DA ILHA E CIDADE DE GUOA*. A ilha de Guoa tem de comprido duas leguas grandes, e hum de larguo • He toda muito fragosa e cheia de pedra, tirando afora algumas várzeas onde os moradores sameam arros. Dentro desta ilha o dia doje vivem quinze mil vezinhos Canaris. A terra produz grandes arvoredos e muitas ervas; nam vive nela algum jenero de feras, porem cria infenidade de serpentes venenosas, entre as quais se acham humas cobras pequenas, que matam supitamente com ho bafo, e outras a que chamam de capelo, cujo morso he irremedeavel. Esta ilha per todas as partes se avezinha muito á terra firme como que de ma vontade recebe ho apartamento que lhe causa o rio; de modo que em muitos lugares nam chegará o intervalo a hum tiro de besta. O rio que cinge esta ilha faz duas fozes; a primeira e da banda do Sul se chama Guoa a Velha, e a segunda que jaz da páte do Norte he chamada Guoa a Nova, onde he a morada dos Portugueses e assento dos Governadores daíndia. Esta cidade de Guoa a Nova jaz na terra da ilha que se opõem ao vento Norte, ao longuo do rio, sogeita a dous montes grandes e altos que sobre ela estam muito sobranceiros, e no mais alto de ambos está edeficada huma casa de Nossa Senhora. Tema cidade grandes e notáveis varadoiros pera naos e galés; no rio ha grande quantidade de busano, que tratam mal os navios que nele envernham, e per todo ele vivem muitos coquodrilos, animais feros e pestíferos. Nas costas da cidade está huma alaguoa muito fermosa de aguoa doce. O nome antigo da ilha he Tiçuaría, que em lingua Canari quer dizer Cem Aldeãs, como quer que dentro dela ouvesse e aja oje em dia este numero de aldeãs. Como quer que a barra da cidade de Guoa seja mais que outra alguma frequentada e sabida, nam me pareceo neceçario fazer dela alguma tavia, nem menos dar avisos e resguardos, aos que por ela ouverem de en trar; somente quis fazer menção de quanta aguoa aja no banco, o qual soldei muitas ve zes e em tempos diversos: por tanto avemos de saber que nesta barra sendo prea-mar o menos fundo que nela há he .22. palmos d'aguoa, e o mais .24; e daqui em nenhum tem po faz deferença (...).



Fig. 19. Jan Huygen van Linschoten, *Vista do Mercado de Goa. 1583* in *Descrição da viagem do navegante Jan Huygen van Linschoten às Índias Orientais portuguesas, 1579 – 1592, 1596*, Amsterdam. Fonte: [https:// tinyurl.com/2p98z4nw](https://tinyurl.com/2p98z4nw)

Rei D. Garcia de Noronha em socorro desta última cidade: 1538-1539 por Dom João de Castro. Porto: Typ. Commercial Portuense, 1843, p. 10 e Tábuas do mesmo roteiro.

Na planta de *Jan Huygen van Linschoten*, datada de 1595 [Fig. 21], observa-se o local onde iria ser fundado o Convento de Nossa Senhora do Carmo em 1620, e onde já se encontravam implantados conventos de outras ordens religiosas.

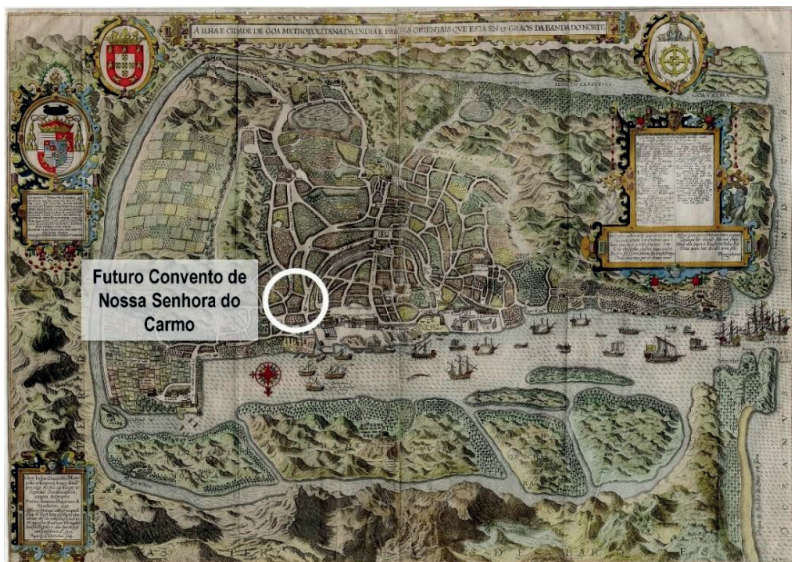


Fig. 21. Jan Huygen van Linschoten, com base na planta: *A ilha e cidade de Goa metropolitana da India e partes orientais que esta em 15 graus da banda do norte* / auctor Ionnes Hugonius A. Linschoten; Baptista à Doetechum Sculp, ca 1563-1611 [Escala não determinada], [S.l.] : Door Ian Huygen van Linschoten, 1595. Fonte: <https://tinyurl.com/2w49pbax>

Na planta de Goa executada por Manoel Erédia cerca de 1630 [Fig. 22], pode observar-se a localização e a respetiva legenda, da implantação do convento de Nossa Senhora do Carmo.



Fig. 22. Manoel de Herédia (atribuído), com base na planta: *Planta da cidade de Goa in Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da India* Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra (c. 1620), Inv. on.o 805, (ed. por Carita, 1999). Extrato ampliado da planta com indicação do local de implantação. Fonte: <https://tinyurl.com/3rv8rb3z>

Na planta de reordenamento urbano de cidade de Goa [Fig. 23], de 1775 de Antas Machado, a configuração do convento em análise encontra-se desenhada com maior rigor e pormenor, sendo possível ver a igreja e seu claustro, que se desenvolve do lado esquerdo da igreja e mais próximo da cabeceira da mesma.



Fig. 23. Antas Machado, com base na planta: *Planta de reordenamento urbano de cidade de Goa*, 1775, Lisboa, GEAEM- Des. 1241-2A-24A-111, <https://tinyurl.com/5d6pkar7>

De 1831, ainda se observa na planta, o conjunto de Nossa Senhora do Carmo [Fig. 24]. Esta apresenta, também, a identificação de outros edifícios que já se encontravam em ruínas na época.



Fig. 24. S.a., Com base na planta: *Planta da cidade de Goa, em 1831: compreendendo um espaço de milha e meia l'este oeste e tres quartos de milha norte, sul.* [Lisboa: s.n.,post. 1831], (Lisboa, Largo Quintella, nº 1: Lith. de A. C. de Lemos). Fonte: BNP. <https://purl.pt/1414>

Na planta perspectivada da cidade de Goa [Fig. 25], inscrita na obra a “*Índia Portuguesa, breve descrição das Possessões Portuguezas na Ásia*” de A. Lopes Mendes, vê-se uma imagem que permite uma visualização tridimensional do que seria, à época o convento de Nossa Senhora do Carmo, onde se apercebem ruínas de outros espaços religiosos.

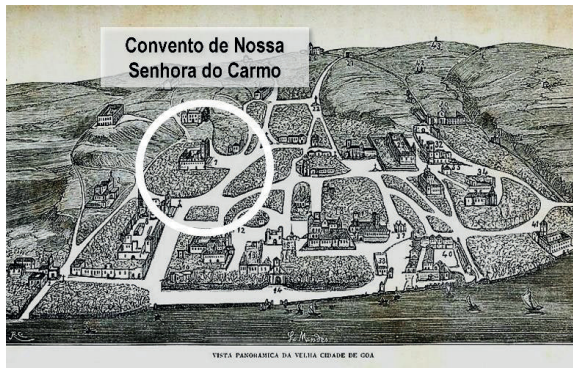


Fig. 25. A. Lopes Mendes, com base na planta: *Planta da cidade de Goa*, 1886. Fonte: Índia Portuguesa, breve descrição das Possessões Portuguezas na Ásia, <https://tinyurl.com/ycyz98mk>

BREVES NOTAS SOBRE A ARQUITETURA DO CONVENTO E INTERVENÇÕES OCORRIDAS

Esta fundação realizou-se em local elevado, nas proximidades do outeiro de Nossa Senhora do Monte, com uma boa panorâmica da cidade e a envolvimento de outros conventos. Neste panorama, pode observar-se o posicionamento do convento carmelita, na cidade, em 1829 [Fig. 26 e 26a].



Fig. 26. José Maria Gonçalves, com base em: *Perspectiva da Cidade de Goa Tirada do Outeiro de Piedade*, 1829. Fonte: <https://tinyurl.com/2p8jrery>



Fig. 26 a. José Maria Gonçalves, Pormenor com base na: *Perspectiva da Cidade de Goa Tirada do Outeiro de Piedade*, 1829. Fonte: <https://tinyurl.com/2p8jrery>

Em data posterior, 1886³⁹, numa gravura percebe-se a volumetria do edifício ladeado por duas torres e uma cúpula que cobria a zona do cruzeiro (MENDES, 1886: 139), [Fig. 27].

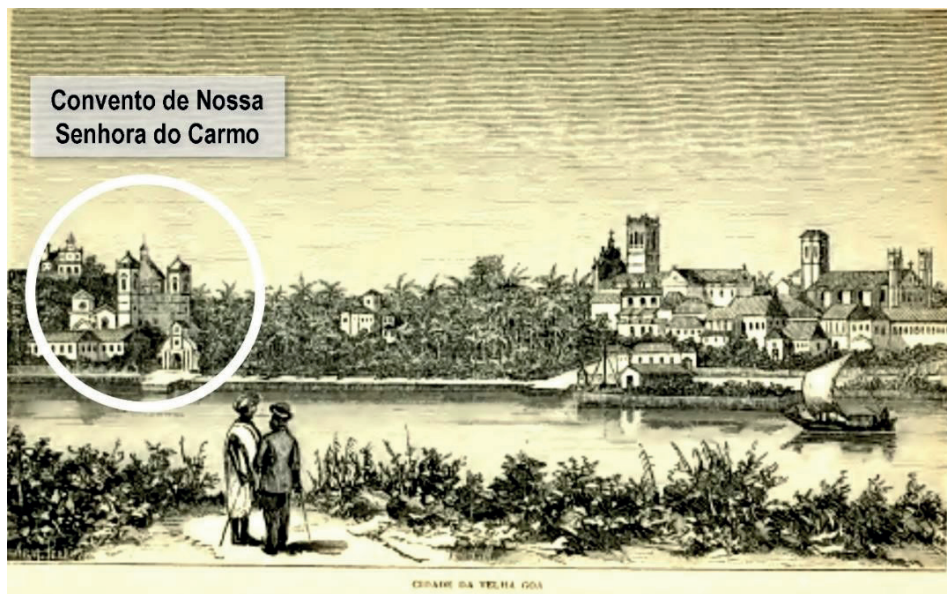


Fig. 27. A. Lopes Mendes, *Cidade de Velha Goa* com indicação do Convento de Nossa Senhora do Carmo. 1886. Fonte: Índia Portuguesa, breve descrição das Possessões Portuguezas na Ásia. Fonte: <https://tinyurl.com/2p87b4y4>

Por descrição, sabia-se que tinha dimensões menores que outros conventos, mas possuía uma arquitetura de elegantes proporções. Era constituído por igreja, claustros e duas galerias sobrepostas correspondentes a andares nobres⁴⁰ (MENDES, 1886: 139).

A planta do conjunto apresenta algumas questões, quanto à disposição dos claustros, uma vez que na cartografia que foi possível consultar, estes se localizam do lado direito da igreja, e noutra no seu lado esquerdo. A disposição que aparenta mais veracidade é a de 1775, dado que era uma planta de reordenamento da cidade [Fig. 23]. Na Planta da Cidade de Goa de 1831, a representação parece ser mais simbólica [Fig. 24].

Todavia, quanto à planta do convento, encontra-se na obra *La Missión Carmelitana de Goa de (1619-1630)* de Frei Florêncio de Nino Jesus, Joaquin Bautista Delgado, a descrição que corrobora a planta de 1775. Nela, é referido que a igreja se situa do lado esquerdo do claustro, com o frontispício virada a poente.

³⁹ Índia Portuguesa, breve descrição das Possessões Portuguezas na Ásia” de A. Lopes Mendes.

⁴⁰ Índia Portuguesa, breve descrição das Possessões Portuguezas na Ásia de A. Lopes Mendes.



Fig. 28. A. Lopes Mendes, *Interior da Igreja de Nossa Senhora do Carmo em ruínas*. 1886. Fonte: Índia Portuguesa, *breve descrição das Possessões Portuguezas na Ásia*, p. 139. <https://tinyurl.com/2p87b4y4>

A igreja é descrita como sendo de pequenas dimensões, com a nave constituída por seis arcos que a dividiam em três partes, com seis capelas laterais⁴¹, esta foi construída a expensas de D. Pedro de Mascarenhas⁴² (JESÚS, 1929: 106) **[Fig. 28]**. No seu interior encontravam-se belos trabalhos em talha dourada.

Após cerca de um século da implantação da Ordem dos Carmelitas Descalços em Goa, e porque os monges eram maioritariamente de origem estrangeira, e que não quiseram prestar juramento de obediência e fidelidade ao governo de Portugal (JESÚS, 1929: 108), foram expulsos da Índia em 1702⁴³.

Nessa época, a igreja e o convento, foram entregues à Ordem de S. Filipe Néri⁴⁴ (MENDES, 1886: 163) e conservaram-se nesta ordem, até à extinção das ordens religiosas em 1834. Na obra citada é referido que em 1848⁴⁵, o conjunto se encontrava em boas condições de conservação.

Em 1870, surge a determinação do governo português, de realizar o inventário de todos os edifícios públicos de Goa⁴⁶. Em 1849, foram apeados os telhados deste conjunto religioso, condenando-o à ruína que se observa em dois registos fotográficos⁴⁷ **[Figs. 29 e 30]**.

41 *La Mission Carmelitana de Goa*, Florencio del Niño Jesús, padre, Pamplona [Spain?] Biblioteca carmelitano-teresian de misiones, Tomo V, R. Bengaray, impressor, 1929.

42 *Idem*, p. 106.

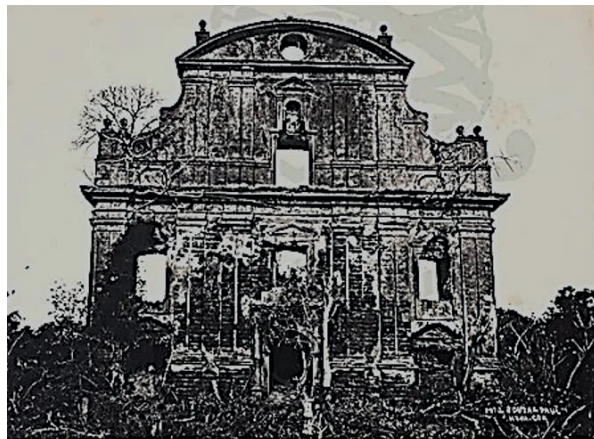
43 *Idem*, p. 108.

44 *Índia Portuguesa, breve descrição das Possessões Portuguezas na Ásia*, A. Lopes Mendes.

45 *La Mission Carmelitana de Goa*, Florencio del Niño Jesús, padre, Pamplona [Spain?] Biblioteca carmelitano-teresian de misiones, Tomo V, R. Bengaray, impressor, 1929.

46 "De espaços sagrados a verdadeiros Cancros. As igrejas e conventos de Velha Goa no século XIX", Vera Mariz, in *Genius Loci : lugares e significados = places and meanings*, volume 1, revés reflexões, CITCEM, Porto, 2016, p. 203-214.

47 *Índia Portuguesa, breve descrição das Possessões Portuguezas na Ásia*, A. Lopes Mendes, p. 155, e Álbum



Figs. 29 e 30. Ilustração de Roque Gameiro. 1905? Fonte: História de Portugal, popular e ilustrada BIBLIOTHECA HISTORICA (Popular e Ilustrada) - Volume 4, Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895). Fonte: <https://tinyurl.com/296dj3mc>, 23.03.11. E *Frontispício, em ruínas, da Igreja de Nossa Senhora do Carmo em Velha Goa, 1930* e Álbum “Exposição de Paris, Estado da Índia Portuguesa”, nº1, Autor/ Colaborador: Photo Souza e Paul (Estudio), 1930. Fonte: <https://tinyurl.com/mryhjesk>

Através do *Google Earth*, é possível identificar o que resta das ruínas da igreja, cujo perímetro foi possível calcular de modo aproximado, cerca de 1089 m², pela destruição antrópica e ambiental [Fig. 31].

Nas imagens que foi possível obter, verifica-se que o estado de degradação é muito avançado, restando apenas, dois cunhais e vestígios de paredes [Figs. 32 e 33].

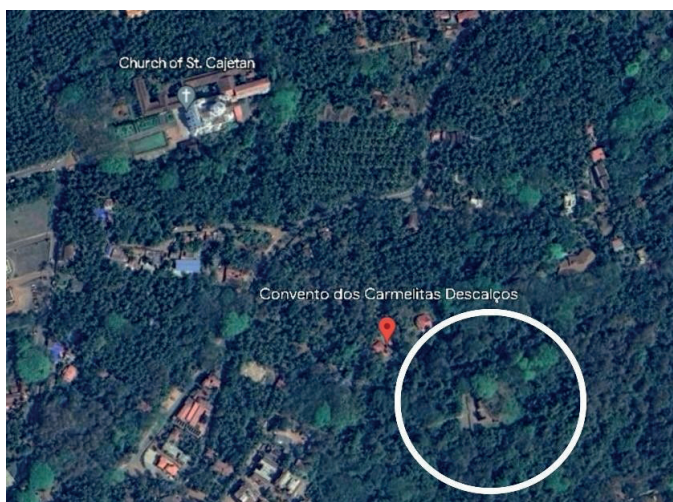


Fig.31. Nesta imagem obtida através do *Google Earth*, pode identificar-se o local onde se situam as ruínas do antigo Convento de Nossa Senhora do Carmo. Fonte: Google Earth, <https://tinyurl.com/224tbnpr>



Fig.32. Imagens dos vestígios do antigo Convento carmelita. Fonte: <https://tinyurl.com/2p86s3z3>, <https://tinyurl.com/3cr56zyy>



Fig.33. Vestígios do antigo Convento carmelita. Fonte: <https://tinyurl.com/2p86s3z3>, <https://tinyurl.com/3cr56zyy>

CONVENTO DE SANTA TERESA DE JESUS (BRASIL, BAÍA – 1665)

Breves notas históricas

Os religiosos da Ordem dos Carmelitas Descalços deslocaram-se ao Brasil, em 1663, para na Bahia de Todos os Santos de São Salvador, com a missão de fundarem um convento⁴⁸. Todavia, só foi iniciado em 1665, e uma das razões que determinou a sua instalação, foi a necessidade das caravelas que iriam para África, principalmente para Angola, poderem fazer o abastecimento de víveres e de água. Caso os ventos não fossem favoráveis, esta escala, pretendia criar a possibilidade de as caravelas não sofrerem algum contratempo, tais como ataques indesejáveis no oceano Atlântico (SÃO BENTO, Liv. XV Cap. XIX.1800)⁴⁹: (...) 1050. *Feliz se chamou o P. Fr. Manoel da Cruz, que então governava como provincial esta provincia, quando recebeo as sobredittas cartas da camara, e do vice rey; e se esta felecidade pudesse ser premio de trabalhos, por ella sacrificaria todos os do seu governo. Com o seu antecessor Fr. Miguel da Madre de Deos tinha elle já*

48 Nas Crônicas da Ordem surge a indicação da fundação do novo convento: "Fundasse na cidade archiepiscopal de S. Salvador da Bahia de Todos os Santos nos Estados da America o convento intitulado de Santa Theresa". Cap. XIX.

49 *Crônica dos Carmelitas Descalços*, vol. 4. Liv. XV Cap. XIX. 1800. (Nº 1050).

tratado muytas vezes sobre a grande utilidade, que viria a esta provincia se tivesse hum convento na Bahia; pois mandando todos os trienios missões para o reyno de Angola, e circunvisinhos; poderia servir aquelle convento como de escalla, para os que fossem, ou voltassem daquelles dominios. Ajudavão a estes desejos as circunstancias daquelles tempos, nos quaes as frotas, em que se embarcava com mais segurança, levavão sua direita descarga á mesma Bahia (...). A presença das caravelas em trânsito, permitiria uma escala temporária na sua viagem missionária, não a colocando em risco desnecessários.

Outro fator, também relevante, foi o papel que os frades carmelitas descalços desempenharam na fundação de conventos em Angola, que incentivou a vontade de que a Ordem implantasse, um convento em Salvador da Bahia (SÃO BENTO, Liv. XV Cap. XIX. 1800)⁵⁰: (...) *Logo que na cidade de Loanda no reyno de Angola, fundarão os carmelitas descalços hum convento; e delle começarão a sahir os missionarios com grande gloria de Deos, e proveito dos fieis; fizeram estas noticias tanta impressão nos moradores da Bahia, que principiarão a diligenciar, que fossem fundar dentro dos seus lemites. Para isto se valerão do seu governador, do qual como vice rey dos Estados da America, dependião as licenças para os estabelecimentos religiosos de hum, e outro sexo (...).*

Assim, Frei José do Espírito Santo eleito prior de Évora (SÃO BENTO, Liv. XV Cap. XIX. 1800)⁵¹, foi designado para fundar um convento no Brasil, acompanhado por alguns frades⁵²: freis João das Chagas, Inocêncio de Santo Alberto, Manuel de Santo Alberto e dois irmãos conversos Francisco da Santíssima Trindade e António da Apresentação.

A viagem missionária iniciou-se a 15 de agosto de 1693, com destino à Bahia, e demorou cerca de dois meses, chegando ao destino a 14 de outubro. Após dois anos, a 15 de outubro de 1665, obtiveram a licença para a construção do convento e a 19 do mesmo mês, a licença do Cabido da Catedral. Após muitas vicissitudes, a Crónica descreve que (SÃO BENTO, Liv. XV Cap. XIX. 1800)⁵³: (...) *quando menos pensavão se fez o convite para a fundação, o qual foi recebido com hum gosto, e complacência bem igual aó desejo. Propoz o P. Provincial a fundação aó seu definitorio de Janeiro deste anno de 1665 e sendo acceita com acção de gracias, se cuidou logo na licença regia. Não padeceo esta muyta defficultdade, porque no Fevereiro seguinte se expedio a provizão de theor seguinte Eu el rey faço saber aos que esta minha provizão virem, que Eu fui servido conceder licença aos officiaes da camara da cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos para fazerem hum mosteiro de religiosos na dita cidade; e que o pudessem fundar na ermida de N. Senhora do Desterro, por estar em lugar muyto acomodado para a vivenda, e clausura dos religiosos, que nelle hão de assistir, tendo a isso respeito, e aos religiosos carmelitas*

50 *Crónica dos Carmelitas Descalços*, vol. 4. Liv. XV Cap. XIX. 1800.

51 (...) *Informado dos desejos dos prelados, prontamente renunciou à Prelazia atual (...)* para a qual tinha sido nomeado. Idem.

52 Frei João das Chagas, natural de Lamego; frei Inocêncio de Santo Alberto, natural de Figueira dos Vinhos, Manuel de Santo Alberto, e dois irmãos chamados “de primeira profissão”: Francisco da Santíssima Trindade, natural de Barzia de Pereiras e António da Apresentação.

53 *Cronica dos Carmelitas Descalços*, vol. 4. Liv. XV Cap. XIX. 1800. (Nº 1050).

descalços haverem desistido da pertença que tinham de se lhe conceder a dita ermida para nella fundarem hum hospicio: Hey por bem, e mando aos dittos officiaes da camara da Bahia accomodem aós dittos religiosos no sitio, ou lugar mais conveniente para a sua vivenda, e cumprão, e guardem esta provisão muyto inteiramente como nella se contem, a qual valerá como carta sem embargo da ordenação do liv. 2 H II 4(...).

Sobre Salvador da Bahia, encontra-se uma descrição da localidade com a sua dimensão, na obra *Introdução da Corographia Brasílica*⁵⁴: (...) *A Comarca da Bahia tem quarenta legoas de costa, contadas do Rio Jiquiriçá, que desagoa tres legoas ao Oessudoeste da Barra falsa até Rio Real, limite septentrional da Provincia , e obra de trinta e cinco em largura e confinar com a da Jacobina pelo Poente*⁵⁵ (...). Existe ainda uma descrição que se transcreve, pelo interesse, permitindo a noção de que Salvador já era uma cidade desenvolvida e dotada de muitas casas religiosas, igrejas, comércio e todo o tipo de serviços necessários ao seu bom funcionamento: (...) *A parte Alta occupa um terreno levantado, que parece planura, a quem olha do Porto, para onde ambas mostram um aspecto aprazivel; mas grande parte das ruas são esconsas, e mais ainda as que offerecem passagem entre as duas divisões : tem valles , e vacuos com hortas ou quintaes, e arvores, cuja eterna verdura recrêa a vista. O Povo , que a habita , fórineseis Freguezias. Além das Igrejas Parroquiaes , quaes são a de Nossa Senhora da Victoria , a de S. Pedro , a de S. Anna , a de S. Ant nio , a do SS. Sacramento , ou do Paço , e a Sé S. Salvador, que he a Cathedral, tem Casa de Misericórdia com seo Hospital para corativo dos pobres , um Recolhimento para Orfãs brancas, e vários Capelães , que rezão diariamente as Horas - Canonicas no côro da Igreja ;' e grande numero de Capellas , das quaes algumas são magnificas: a de S. Pedro ' tem tambem Capellães, que rezão ali quotidianamente o Officio Divino. Ha nesta Cidade um convento de Carmelitas Descalços , outro dos Calçados , outro dos Bencdictinos , outro de Franciscanos , que he o mais sumptuoso : um Hospicio d'Esmoleres da Terra Santa , outro d'Agostinhos Descalços , outro de Barbadinhos Italianos : quatro conventos de Freiras ; dous Recolhimentos mais : quatro ordens Terceiras, a de S. Domingos , a de S. Francisco , a do Carmo , e a da SS . Trindade. Os Jezuitas tinham no melhor sitio um magnifico Collegio (cuja Igreja (*) he de cantaria Européa por ambas as faces) convertidohoje em Hospital Militar, com uma Capella " no interior ornada de muitos paineis , que representam a vida de S. Estansláo Kosca (...).*

CRONO-MORFOLOGIA CARTOGRÁFICA E ICONOGRÁFICA DA IMPLANTAÇÃO DO CONVENTO

No período que antecedeu a chegada dos portugueses ao Brasil, surgiram nas representações cartográficas da época, a definição do território e a dos seus habitantes.

54 Cazal, Aires de, *Introdução da Corographia Brasílica e parte dela que trata da Bahia composta por um presbítero secular do Grão-Priorado do Crato*, Bahia Typographia Nacional, 1826. P. 155-156.

55 Cazal, Aires de, *Introdução da Corographia Brasílica e parte dela que trata da Bahia composta por um presbítero secular do Grão-Priorado do Crato*, Bahia Typographia Nacional, 1826. P. 154.

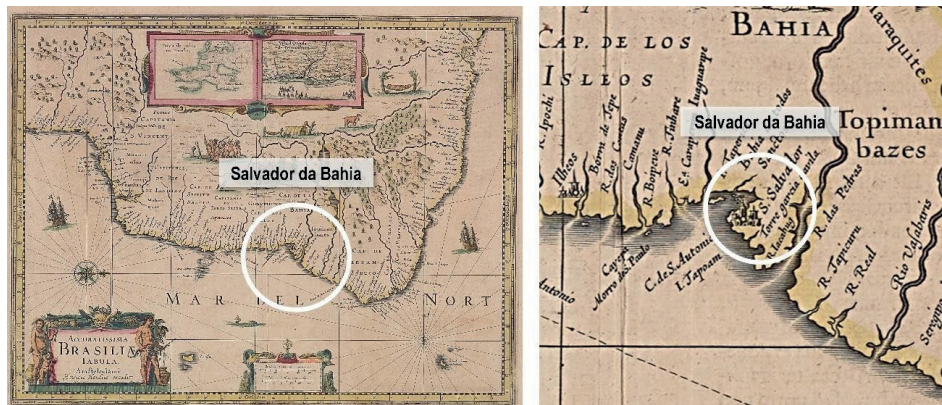


Fig. 35. Hendrik Hondius, com base no: *Accuratissima Brasiliae tabula*, 1597-1651, [1633], Amstelodami [Amsterdam, Países Baixos], Fonte: Biblioteca Nacional Digital, <https://tinyurl.com/32vyrxem>

Com a chegada dos portugueses ao Brasil no Século XVI, a cidade de Salvador, tal como tantas outras de nova gênese, iniciou-se como uma pequena urbe. A planta da cidade do Salvador foi publicada no início do século XVII, no “*Livro Que Dâ Rezaõ Do Estado Do Brasil*”⁵⁸ com a designação de “*Planta da parte norte e então a mais importante da cidade de Salvador, no Livro que dá razão do Estado do Brasil*” **[Fig.36]**. A malha urbana já é significativa e mostra o desenvolvimento que a cidade teve em menos de um século.



Fig. 36. João Teixeira Albernaz, com base na *Planta da Restituição da Bahia* in *LIVRO QUE DÂ REZAÕ DO ESTADO DO BRASIL*. 1616. Fonte: Biblioteca Pública Municipal do Porto, <https://tinyurl.com/muf9eb88>

Na planta da restituição da Bahia, produzida por João Teixeira Albernaz (o velho), e publicada em 1631, está representada a cidade de Salvador aquando da reconquista pela armada luso-espanhola em 1625 **[Fig.37]**. Nesta, encontra-se assinalado o local onde posteriormente seria implantado o convento de Santa Teresa, e que na época estava ocupado por diversas bocas de fogo que protegiam a cidade.



Fig. 37. João Teixeira Albarnaz, com base na *Planta da Restituição da Bahia* in Atlas “ESTADO, DO BRASIL/ COLIGIDO DAS, MAIS/ SERTAS NOTICIAS/ Q PODE AIVNTAR/ DÕ, IERONÍMO, DE / ATAÍDE / POR. IOÃO TEIXEIRA, ALBER/ NAS. COSMOGRAPHO, DE. SVAMA. gde/ ANNO: 1631, Nº 221631. Fonte: <https://tinyurl.com/dahew68w>

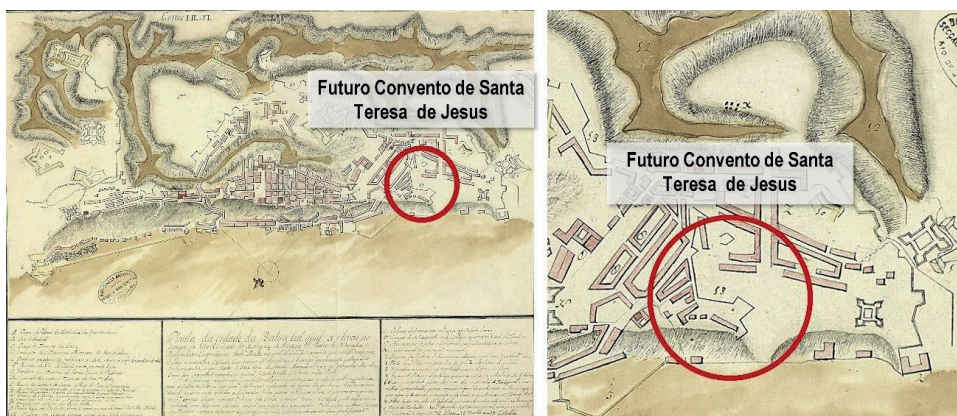


Fig. 38. Jean Massé, com base em *A planta da Cidade do Salvador* atribuída ao engenheiro militar francês, foi executada por volta de 1715. Fonte: <https://tinyurl.com/ycrt3kzs>

A representação da cidade de Salvador, no início do século XVIII, pelo engenheiro militar Jean Massé, é algo esquemática, mas mostra o desenvolvimento da cidade durante esse período. É de interesse referir, que o convento de Santa Teresa do Menino Jesus, aparece representado com uma planta em L, situado próximo de um dos baluartes da cidade [Fig.38]. No decurso do século XVIII, a malha urbana de traçado bastante regular era já significativa e com a definição de uma frente ribeirinha quase completamente edificada. Neste século, através de cartografia *Plan de la Ville de S.t Salvador* (1758), Amédée François Frézier e da iconografia *Elevação e Faxada que mostra em Prospeto pela marinha a Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos, Metrôpole do Brazil* entre 1756 e 1758 [Figs.39, 40 e 41], com bastante pormenor, inclusos na obra: *Relation du Voyage de la Mer du Sud aux Côtes du Chily et du Perou* (Paris, 1716), que tem descrições e comentários sobre Salvador, a Baía de Todos os Santos e também, um desenho da planta da cidade que surge no Tomo Dois.



Fig. 39. Amédée François Frézier (1682-1773), com base na: “Elevação e Faxada que mostra em Prospeto pela marinha a Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos, Metrópole do Brazil”. 1758. Fonte: <https://tinyurl.com/2p99vsmg>



Fig. 40. Amédée François Frézier (1682-1773), com base na: “Plan de la Ville de S.t Salvador” (1758). Fonte : <https://tinyurl.com/2p99vsmg>

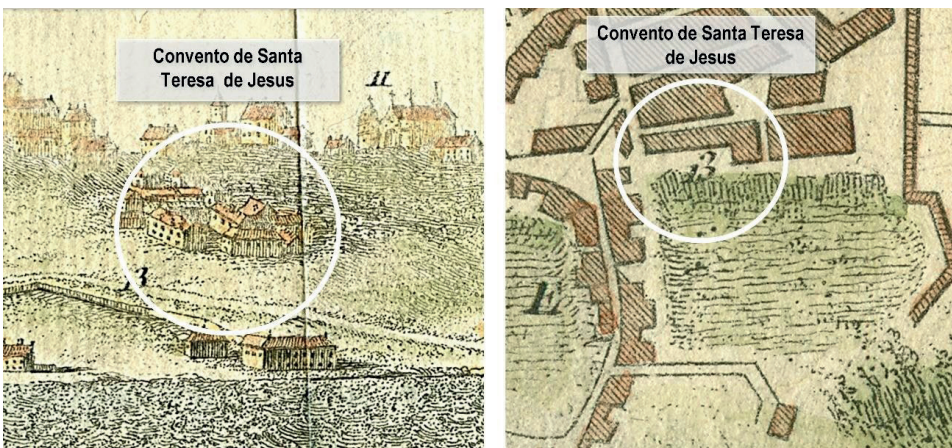


Fig. 41. Amédée François Frézier (1682-1773). Extrato da planta e vista respetivamente: *Plan de la Ville de S.t Salvador* (1758). Fonte: <https://tinyurl.com/2p99vsmg>

No prospecto do engenheiro baiano José Antônio Caldas, com o título de: *Elevação e Faxada que mostra em Prospeto pela marinha a Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos, Metropole do Brazil*, incluído no *Livro Notícia Geral de Toda Esta Capitania da Bahia desde o Seu Descobrimento até o Presente Anno de 1759*, pode-se apreciar a implantação

do convento de Santa Teresa, em que a volumetria edificada já era substancial, e que a sua envolvente se ia paulatinamente preenchendo [Figs.42 e 43].



Fig. 42. José Antonio Caldas, com base no Prospecto do engenheiro - 1756 a 1758, *Elevação e Faxada que mostra em Prospeto pela marinha a Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos, Metropole do Brazil*. Fonte: <https://tinyurl.com/nhkcanhm>



Fig. 43. José Antonio Caldas, Pormenor mostrando o Convento de Santa Teresa no com base no Prospecto do engenheiro 1756 a 1758, *Elevação e Faxada que mostra em Prospeto pela marinha a Cidade do Salvador Bahia de todos os Santos, Metropole do Brazil*. Fonte: <https://tinyurl.com/nhkcanhm>

Na figura infra [Fig. 44], encontra-se o *Prospecto da Cidade da Bahia* elaborado por Vilhena, em 1801. O original está na Biblioteca Nacional, com as dimensões 247 x 1.650 mm. O autor desenhou o seu *Prospecto* com base num decalque do panorama de José Antônio Caldas (1756), e realizou as atualizações. Neste extrato ampliado, na área de implantação do convento de Santa Teresa, pode-se observar a volumetria diversificada e a dimensão do convento nessa época, bem como a ênfase atribuída à torre sineira, que se destaca nessa volumetria [Figs. 44 e 45].



Fig.44. Luís dos Santos Vilhena, *Vista global do Prospecto*, realizado em 1801, com base no *Panorama de José Antônio Caldas* de 1756. Fonte: <https://tinyurl.com/yvvr847n>



Fig. 45. Luís dos Santos Vilhena, *Vista global do Prospecto*, realizado em 1801, com base no Panorama de José Antônio Caldas de 1756. Extrato em que se nota a implantação do edifício do Convento de Santa Teresa com a volumetria geral do edifício. Fonte: <https://tinyurl.com/yvvr847n>

Um dos primeiros registros fotográficos, feitos a partir da Bahia para a cidade, é da autoria do fotógrafo inglês *Benjamin Mulock*, que trabalhou na Bahia entre 1859 e 1862 [Figs. 46 e 47]. Do acervo que realizou e que permaneceu até à atualidade, encontra-se o primeiro grande panorama fotográfico de Salvador, realizado a partir do forte São Marcelo. Neste conjunto fotográfico, é possível observar, os grandes edifícios comerciais localizados no porto, assim como a implantação do convento de Santa Teresa.



Fig. 46. Benjamin Mulock, com base na fotografia: *Primeiro panorama fotográfico da Bahia*, 1860. Fonte: <https://tinyurl.com/3vz7a5vs>



Fig. 47. Benjamin Mulock, extrato do primeiro panorama fotográfico da Bahia, 1860, com a implantação bem visível do Convento de Santa Teresa, e sua envolvente. Fonte: <https://tinyurl.com/3vz7a5vs>

O desenvolvimento da frente ribeirinha acentua-se no século XIX, verificando-se também um alargamento da malha urbana para nordeste e sudoeste na “*Planta da Cidade de São Salvador da Bahia...*” organizada pelo engenheiro *Adolfo Morais de los Rios* em 1894 [Fig.48 e 49]. Nela, o quarteirão do convento encontra-se bem definido, através de arruamentos com a edificação assinalada a preto. Nos séculos XX e XXI, a cidade teve uma expansão significativa, convertendo-se numa metrópole. O conjunto conventual manteve os limites físicos, porque não houve qualquer modificação na malha urbana envolvente [Fig. 50].



Fig.48. Eng. Adolfo Morais de los Rios, com base na: “*Planta da Cidade de São Salvador da Bahia, capital do estado federado da Bahia*”, 1894. Fonte: Biblioteca Nacional Digital do Brasil, <https://tinyurl.com/5e9wa8t3>. Estão assinalados os edifícios religiosos na cor preta, os fortes e quartéis, em azul-claro, teatros, em amarelo, e alguns edifícios notáveis estão em vermelho. A Planta abrange a área urbana entre a Lapinha até o Campo Grande.



Fig. 49. Eng. Adolfo Morais de los Rios, Extrato de: “*Planta da Cidade de São Salvador da Bahia, capital do estado federado da Bahia*”, 1894. Com a implantação do Convento de Santa Teresa. Fonte: Biblioteca Nacional Digital do Brasil, <https://tinyurl.com/5e9wa8t3>



Fig. 50. Salvador da Bahia. Localização do Convento de Santa Teresa, atual Museu de Arte Sacra.
Fonte: Google Earth 2023, <https://tinyurl.com/2p8nzv33>

BREVES NOTAS SOBRE A ARQUITETURA DO CONVENTO E INTERVENÇÕES OCORRIDAS

Inicialmente, foi edificado um pequeno hospício, no sítio chamado Preguiça, e de acordo com a descrição pormenorizada das crônicas (SÃO BENTO, Liv. XV Cap. XIX. 1800)⁵⁹: (...) 1053. *A segunda licença procurada, foi a do cabido com a petição seguinte = Dizem os religiosos carmelitas descalços, que elles, por ordem de S. Magestade vierão do reyno a esta cidade da Bahia a fundar hum convento da sua Ordem para gloria de Deos, e proveito das almas; e como não o podem fazer sem licença de V. S. = P. a V. S. lhes dê licença para fundar o ditto convento, e em quanto não achão sitio conveniente, possão tomar a posse, e fazer os officios divinos em alguãs casas, que acharem mais acomodadas: e declarão os supplicantes, que para sua morada tem entretanto escolhido huãs casas, que estão na Perguiça, aonde morou hum Antonio Mendez Netto, e comesta apresentão a provizão de sua magestade, e licença da camara. E R. M. = Despacho = Concedemos licença aos suplicantes para poderem assistir, e viver per modum hospitii nas casas do sitio nomeado; e querendo levantar igreja, recorrerão outra vez a este cabido, para se lhes dar a licença necessaria. Bahia 19 de Outubro de 1665 = O Deão, Pereira Leitão, o livreiro, Moniz, Vieira = Tinhão as mencionadas casas da Perguiça huã sala nova, que repartida, podia servir de acomodão (sic) para igreja, e portaria; e mais outras casas velhas, que com alguns concertos de madeira, e pedraria, podia servir de cosinha, refeitório, e cellas(...).*

As obras foram conduzidas por frei José do Espírito Santo, num local onde havia uma pequena igreja dedicada a Santa Teresa. O convento foi inaugurado em 1686 e a igreja concluída em 1697.

⁵⁹ *Cronica dos Carmelitas Descalços*, vol. 4. Liv. XV Cap. XIX. 1800. (Nº 1053).

Este local encontrava-se próximo do mar e foi doado pelo rei de Portugal, D. Afonso VI. No decorrer do tempo, auxiliados por esmolos, ergueram o atual convento em área contígua, no ano de 1667, tendo a igreja sido inaugurada em 15 de outubro de 1697.

A comunidade permaneceu pouco tempo neste espaço, por se ter tornado insuficiente, mudando-se para local próximo, mas numa cota mais elevada, de acordo com a descrição das crônicas (SÃO BENTO, Liv. XV Cap. XX. 1800)⁶⁰: (...) *Como quasi em todas as partes não fundarão os carmelitas descalços nos primeiros sitios, que habitarão, por ser proprio de pobres não olharem para o que lhes dão: vendo os fundadores da Bahia que o sitio da Perguiça, em que estava estabelecido o hospicio, não era sufficiente para habitação de mayor numero de religiosos, determinarão comprar alguãs casas circunvisinhas para alargarse, quanto lhes fosse possivel. As mais immediatas, e que constavão de sessenta braças em quadro; tinha-as dado D. Antonio de Menezes aos monges do grande patriarcha S. Bento com a obrigação de huã missa quotidiana: mas como elles não quisessem acceitar; tomarão posse dellas com o referido encargo os já mencionados Fundadores. Darião elles logo principio ao convento naquellas casas, se a distancia em que ficava a agoa, indispensavel para a obra, lhes não promettesse hum horroroso gasto. Para o evitarem, em todos os sitios, que davão indicios de agoa, mandarão fazer excavações: mas tudo innutilmente, porque o ceo não queria, que ella apparecesse. Continuando nesta diligencia, lhes disse huã negra mayor de cem annos, que em tal lugar, que havia sido Mocambo dos pretos, havia, havia (sic) em outro tempo alguã agoa. Contentissimo ficou o P. Prior com esta noticia, e mandando logo cavar no tal lugar, a seis para sette palmos acharão os trabalhadores agoa sufficiente para a obra(...).*

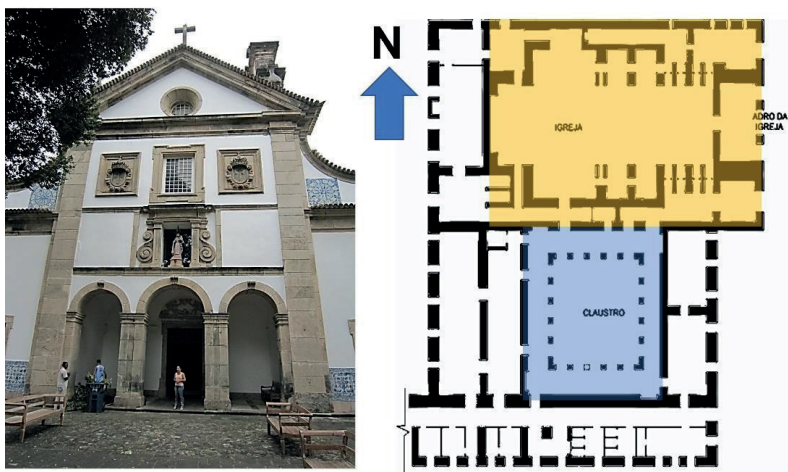
A mudança de convento ocorreu em 1686, mencionado nas crônicas, depois de muitos esforços para a construção do novo convento (SÃO BENTO, Liv. XV Cap. XX. 1800)⁶¹: (...) *Conseguida esta licença, se procedeo a obra; e para ella ficar segura, foi necessario em partes profundar o alicerce setenta palmos, com perto de vinte de largura, e com despeza de muytos mil cruzados. A tudo supria a caridade dos moradores daquella devotissima cidade, que fazia a sua mayor gloria em contribuir para os edeficios santos, em que se louvasse a Deos, que tão liberal se mostrava para com ella na distribuição da prata, do ouro, e de todas as preciosidades da terra. Foi tal a franqueza das suas esmolos, que em dezessete annos puderão galgar se as paredes da igreja, passar e o dormitorio, que com trez andares corre de norte a sul pelas costas da capella mor, e outro que corre de nascente, a poente, crescendo cada dia, e cada hora a devoção dos bemfeitores, e desejando elles mesmos com summo ardor ver os religiosos no seu novo convento; repetião a cada passo as instancias, e as rogativas, para que se armasse interinamente huã igreja aonde havia de ser claustro. e se dispuzesse a mudança do hospicio para a nova casa. Não puderão os padres resistir a persuazões tão affectivas; e executarão a mudança no dia quatorze de Outubro de 1686(...).*

60 Cronica dos Carmelitas Descalços, vol. 4, Liv. XV Cap. XX. 1800.

61 Cronica dos Carmelitas Descalços, vol. 4, Liv. XV Cap. XX. 1800.

Atualmente, este conjunto conventual, encontra-se implantado a meia encosta de uma das falésias de Salvador, entre duas artérias, a do Visconde do Mauá, que o limita a noroeste e a Rua do Sodré a sudeste. O local de implantação tem uma vista privilegiada sobre a Bahia de Todos os Santos. Trata-se de um edifício de elevado valor monumental, desenvolvendo-se em torno de um claustro quadrado. Todo o conjunto foi classificado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), como patrimônio nacional desde 1938⁶², declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 1985, conjuntamente com a cidade de Salvador da Bahia.

A morfologia que pode ser atribuída à arquitetura desenhada e construída pelos carmelitas, caracteriza-se, de um modo geral, por uma igreja de planta em cruz latina com nave única e capelas laterais intercomunicantes cobertas por abóbadas, sendo o transepto coberto por abóbada semiesférica. A fachada principal é constituída por três corpos formando um retângulo, sobrepujado por um frontão triangular⁶³[Figs. 51 e 52]. O acesso ao espaço interior faz-se por três arcos, que constituem o pórtico da entrada, servindo de suporte ao coro e aos dois andares. Lateralmente situa-se uma torre sineira.



Figs. 51 e 52. Vista do Convento de Santa Teresa, atual Museu de Arte Sacra. Fonte: C. Tereno.

Os autores Muñoz, Rosana; Salaberry, Paula i.⁶⁴, referem que: (...) *O partido da fachada de Santa Teresa obedece ao primeiro desenho que Vignola elaborou para a igreja de Gesù, de Roma, em 1569, segundo ele muito modificado posteriormente por Giacomo della Porta. Ele classifica a Igreja de Santa Teresa como sendo uma interpretação única, no Brasil, de um tipo de fachada de modelo romano usado antes do fim do século XVII, assemelhada à de Santo Inácio, de Roma (...).*

62 Livro do Tombo Belas Artes: Inscr. nº 134, de 17/06/1938. Número do Processo: 122-T-1938.

63 Eugénio Ávila Lins, Igreja e Convento de Santa Teresa, Salvador, Bahia, Brasil, Arquitetura religiosa, <http://www.hpip.org/Default/pt/Homepage/Obra?a=1128>.

64 Segundo Smith, citado por Calderón (1970), em "Análise de esforços na igreja de Santa Teresa em Salvador", de Muñoz, Rosana; Salaberry, Paula in. *FÓRUM* Vol. 2, No. 2 (2009) - Patrimônio e Ciência da Conservação, p. 194

A igreja do convento, de proporções harmoniosas, apresenta uma planta retangular em cruz latina e possui belos altares, de que se destaca o altar-mor atual, todo em prata, proveniente da antiga Sé, demolida em 1933. Tem ainda um acervo valioso de imagens e azulejos que enriquecem o espaço interior [Fig.53].

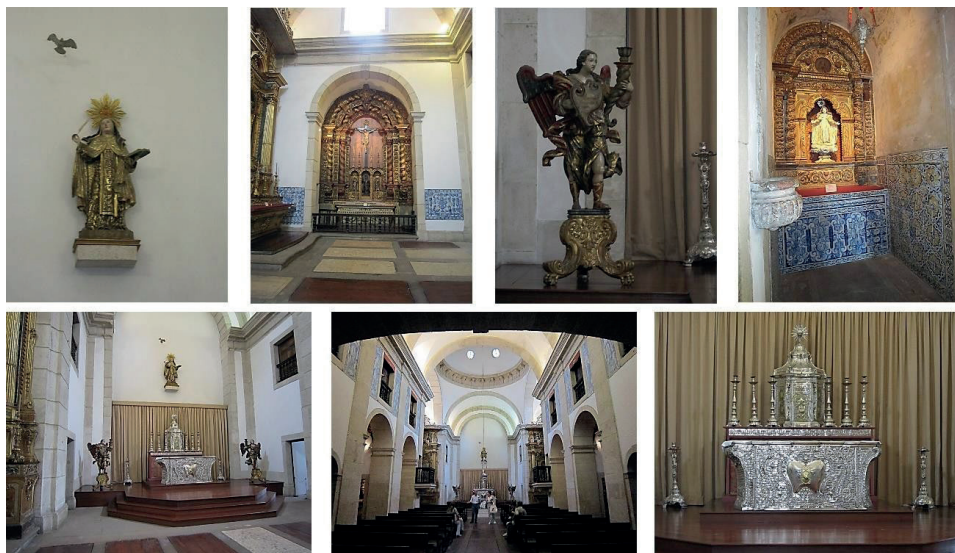


Fig. 53. Vistas diversas do interior da igreja e do valioso acervo que a constitui. Fonte: C. Tereno.

No espaço conventual, é de salientar o claustro das procissões, de planta quadrangular envolvido por arcadas com arcos de volta perfeita, cuja cobertura é feita através de abóbadas de arestas⁶⁵[Fig.54]. O interior deste conjunto conventual foi restaurado e abriga no seu interior o Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia (UFBA), instalado em 1959, e que contém a maior coleção de arte sacra do país, com valiosíssimas peças.

65 Maria Helena Ochi Flexor - *Igrejas e conventos da Bahia*, IPHAN, Vol.2 – 1. Igrejas – Bahia. 2. Arquitetura Religiosa. I. Título. II. Série. CDD 726, p. 126.



Fig. 54. Vistas diversas do interior da igreja e do valioso acervo que a constitui. Fonte: C. Tereno.

Dos componentes arquitetônicos mais particulares das edificações da Ordem, sobressaem os adros que são pátios murados, constituídos por elementos de cantaria e a portada central, que se localiza fronteira à fachada do templo. Quanto aos materiais aplicados na construção⁶⁶, sabe-se que algumas pedras, como as dos púlpitos, vieram de Portugal. A maior parte, porém, foi obtida no local.

O conjunto é dotado de grande riqueza patrimonial sendo de salientar, na igreja os azulejos de origem portuguesa e os altares em talha dourada da época barroca.

Este convento, abrigou no decorrer do tempo, funções distintas da finalidade com que tinha sido fundado. Inicialmente foi criado um colégio com o objetivo de atrair novas vocações. Posteriormente, em 1759, foi ocupado pela Academia Brasilica dos Acadêmicos Renascidos, que deu seguimento à Academia Brasilica dos Esquecidos, de 1724/1725.

Mais tarde e durante as lutas pela independência da Bahia, foi ocupado por tropas portuguesas, o que contribuiu para a extinção da Ordem dos Carmelitas Descalços em 1840, e que resultou no abandono do convento.

⁶⁶ Maria Helena Ochi Flexor - IGREJAS E CONVENTOS DA BAHIA, IPHAN, Vol.2 – 1. Igrejas – Bahia. 2. Arquitetura Religiosa. I. Título. II. Série. CDD 726p. 125

Já em meados do século XX, o reitor da UFBA⁶⁷, deslocou para o espaço do convento, o Museu de Arte Sacra, através de uma convenção realizada entre a universidade e a Arquidiocese de Salvador⁶⁸.

No restauro do edifício, os acréscimos que não tinham sido tombados pelo Instituto do Patrimônio, foram demolidos, e o convento ficou circunscrito a um terreno bem murado que incluía o edifício do antigo seminário menor⁶⁹.

Fez-se uma comparação entre a Casa-Mãe da Ordem dos Carmelitas Descalços em Ávila (Espanha) e os conventos em análise, relativamente à implantação do edifício religioso considerado mais relevante, a Sé-Catedral [Fig. 55]. Verificou-se que na malha urbana a distância que mediava entre os referidos edifícios e os citados conventos, no caso de Ávila, entre o convento de S. José e a Sé distavam cerca de 260 m em linha reta. Enquanto, que nos conventos de Évora e de Velha Goa, as distâncias entre estes e as respetivas sés, consideradas em linha reta, são semelhantes com cerca de 600 m. O que se encontra mais distante é o convento de Salvador.

Esta análise morfo-espacial parece demonstrar a importância desta Ordem nestas três cidades com influências portuguesas, situadas em três continentes distintos, relativamente ao seu edifício religioso mais proeminente.

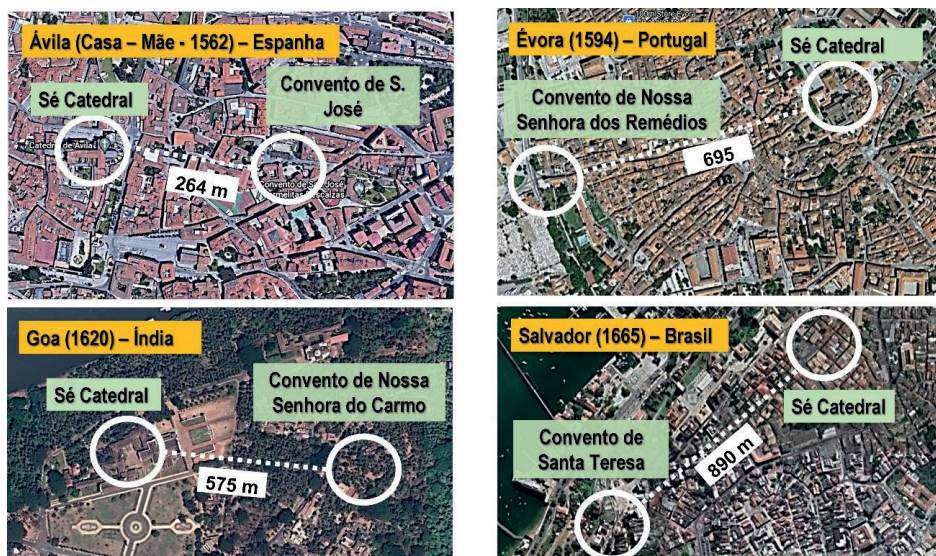


Fig. 55 Análise morfo espacial da implantação de casas religiosas de Carmelitas Descalços em três continentes distintos. Fonte: Google Earth 2023.

67 Em 1837, instala-se em Santa Teresa o Seminário Arquiepiscopal e em 1856 o Arcebispo passa sua administração aos padres lazaristas. Em 1956, o Seminário muda-se para outro local, ficando o convento abandonado e em ruínas até princípios de 1958, quando o Reitor Edgar Santos, da Ufba, tomou a decisão de aí instalar o Museu de Arte Sacra da Ufba, através de um convênio com a Arquidiocese de Salvador.

68 O restauro do Convento e da igreja foi coordenado por Wladimir Alves de Souza e Geraldo Raposo Câmara, que procederam à adaptação do espaço à exposição do acervo existente no convento, inicialmente composto por peças litúrgicas e imagens de carmelitas/historia.html.

69 Maria Helena Ochi Flexor - IGREJAS E CONVENTOS DA BAHIA, IPHAN, Vol.2 – 1. Igrejas - Bahia. 2. Arquitetura Religiosa. I. Título. II. Série. CDD 726, p. 134.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Évora (Portugal), a implantação do convento de Nossa Senhora dos Remédios, fez-se em terreno adjacente ao núcleo urbano medieval amuralhado, junto da principal porta da cidade (segunda Porta de Alconchel), o que o tornou particularmente vulnerável aos ataques bélicos. Na época, não existiriam, aglomerados urbanos dispersos na área envolvente, quando da sua fundação. A malha urbana foi-se densificando lentamente e, após a extinção da Ordem, a cerca do convento foi convertida em cemitério, o que contribuiu para a menor atratividade do espaço urbano envolvente.

Na Velha Goa (Índia), a implantação do convento de Nossa Senhora do Carmo, fez-se num local onde já existiam outros complexos religiosos, e o núcleo urbano situava-se a nascente. Aparentemente, na zona do convento, não existiam construções dispersas. No século XVII, com o abandono de Velha Goa e a mudança dos habitantes para Pangim, alguns edifícios entraram em ruínas e a floresta foi invadindo o espaço.

Em Salvador da Bahia (Brasil), à semelhança do convento eborense, também foi implantado fora do recinto amuralhado da cidade. Quando da sua fundação não existiam construções na área envolvente. Posteriormente, foi sendo progressivamente ocupada e atualmente, o conjunto encontra-se integrado na malha urbana, que circunda o perímetro da antiga cerca.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fortunato de (1910) – *História da Igreja em Portugal*, vol. I, pp. 120-131. Imprensa Académica. Coimbra.

(AOCD), São Bento, Manuel de (1800) – *Cronica de Carmelitas Descalcos particular da Provincia de Sao Filipe dos Reinos de Portugal*, Tomo IV, inédito.

FLEXOR, Maria Helena Ochi, (2010) – *Igrejas e conventos da Bahia*, IPHAN, Vol.2 – 1. Igrejas – Bahia. 2. Arquitetura Religiosa. I. Título. II. Série. CDD 726.

HERÉDIA (atr.), Manuel Godinho de, – *Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da Índia*, edição Carita, Rui (1999) e Simão, Veiga e Moura, Vasco Graça, Ministério da Defesa e Inapa, Lisboa.

JESÚS, Florencio del Ninõ, padre, (1929) – *La Mission Carmelitana de Goa*, Biblioteca carmelitano-teresiana de misiones, Tomo V, Pamplona [Spain?], R. Bengaray.

MARIA O.C.D., Frei Joseph de Jesus (1753) – *Chronica de Carmelitas Descalços Particular da Provincia de S. Filipe dos Reinos de Portugal, Algarve & suas Conquistas*, Tomo III, Lisboa: Na Officina de Bernardo Antonio de Oliveira.

MARIZ, Vera “De espaços sagrados a verdadeiros Cancros. As igrejas e conventos de Velha Goa no século XIX”, in *Genius Loci : lugares e significados = places and meanings*, volume 1, revés reflexões, CITCEM, Porto, 2016, p. 203-214.

MENDES, A. Lopes (1886) – *A Índia portuguesa: breve descrição das possessões portuguesas na Ásia*, dividida em dois volumes, ilustrados com 382 gravures e 7 mappas, Volume 2, Lisboa, Imprensa Nacional.

MONTEIRO, Maria F. (2011) – *Sistema monástico-conventual e desenvolvimento urbano de Évora na Baixa Idade Média*. Évora (policopiado).

KOPKE, Diogo (1843) – *Primeiro roteiro da costa da Índia desde Goa até Dio: narrando a viagem que fez o Vice-Rei D. Garcia de Noronha em socorro desta última cidade: 1538-1539, por Dom João de Castro*. Porto: Typ. Commercial Portuense.

SALDANHA, M. J. Gabriel de (1925-1926) – *História de Goa: (política e arqueológica), com uma carta-prefácio por J.A. Ismael Gracias*, Originally published: 2. ed. Nova-Goa: Livraria Coelho. Vol. 2.

S. ANNA, Belchior de (1657) – *Chronica de Carmelitas Descalcos Particular do Reyn de Portugal e a Provincia de Sam Filipe*, Tomo I. Lisboa Ocidental: Oficina de Henrique Valente de Oliveira.

SACRAMENTO O.C.D., Frei João do (1721) – *Cronica de Carmelitas Descalcos, Particular da Provincia de S. Filipe do Reino de Portugal e as suas conquistas*, Tomo II, Lisboa Occidental: Na Oficina Ferreyrenciana.

SANTA ANNA OCD, Belchior de (1657) – *Chronica de carmelitas descalços, particular do reyno do Portugal e provincia de Sam Felipe: I tomo ...* Lisboa: Oficial d'Henrique Valente d'Oliveira.

S. BENTO, O.C.D., Frei Manuel de (1800) – *Chronica de Carmelitas Descalços, particular da Provincia de S. Filipe dos Reynos de Portugal*, Tomo IV. Arquivo da Ordem dos Carmelitas Descalços de Portugal. Inédito.